

Por Zeus<sup>1</sup> principiemos<sup>2</sup>, a quem os mortais nunca deixamos  
inominado<sup>3</sup>. Providas de Zeus estão todas as vias  
e todos os humanos rossios, providos também mar  
e portos<sup>4</sup>; em todas as horas, Zeus demandamos todos.  
Pois somos também sua progênie<sup>5</sup>. Ele paternal aos homens 5  
dá sinais direitos, para o trabalho alevanta as gentes  
lembrando-lhes do pão, conta quando o torrão está nas melhores horas  
para bois e arados, conta quando são as estações direitas  
tanto para se fincarem mudas quanto para as sementes todas se lançarem à terra.  
Ele mesmo, pois, os sinais firmou no céu<sup>6</sup>, 10  
separando-os em constelações, e previu para a passagem anual  
estrelas que para os homens dessem sinais das estações sobremaneira

- 1 Os primeiros dezoito versos compõem o hino introdutório a Zeus. Sua estrutura e fraseologia fazem referência ao hino a Zeus de Hesíodo em *Os Trabalhos e os Dias* (1-4). Essa espécie de formulação inicial é bastante recorrente na literatura antiga; veja-se Kidd (162-163) para as referências.
- 2 Arato começará pelo começo, por assim dizer, pois Zeus é o princípio (*arkhê*) do cosmo.
- 3 É possível que essa palavra, árretos, seja um trocadilho com o nome do autor, Árretos (no dialeto jônico; cf. Calímaco, 27 Pfeiffer = 56 Gow Page = *Antologia Palatina* 9, 507). Sobre o trocadilho, veja-se P. Bing, “A Pun on Aratus’ Name in Verse 2 of the *Phainomena*?” *Harvard Studies in Classical Philology*, 93, 1990, 281-285.
- 4 A oposição aqui se dá entre dois lugares de passagem (“vias”, “mar”) e dois lugares de repouso (“rossio” — a praça pública, a ágora —, “portos”). Ademais, se pensarmos que um dos epítetos de Apolo refere-se às vias (*Aggieús*, “guardião das vias”) e que o mar (*thálassa*) é o domínio de Poseídon, tal trecho evocaria o cosmo monoteísta dos estoicos, uma vez que Zeus suplantaria as outras divindades em seus lugares consagrados.
- 5 Verso usado pelo apóstolo Paulo em pregação no Areópago (*Atos* 17:28).
- 6 Num só lance, Arato aponta que Zeus não apenas colocou as estrelas no *firmamento*, mas também que seus sinais são *firmes*, confiáveis.

dispostos<sup>7</sup>, de modo que todas as coisas cresçam como raízes no chão<sup>8</sup>.  
 Por isso a ele sempre ofertamos do princípio ao fim<sup>9</sup>.  
 Salve, pai, magno assombro<sup>10</sup>, magno bem dos humanos, 15  
 tu mesmo e a primeira progênie<sup>11</sup>. Salve, Musas,  
 mui melífluas todas elas. A mim, eu que suplico  
 falar das constelações como é lícito, dai sinais ao longo de todo o canto.  
 Elas<sup>12</sup>, muitas sendo, aqui e acolá estando, igualmente  
 movem-se com o céu, todos os dias, continuamente, sempre<sup>13</sup>; 20  
 por outro lado, o eixo não se desloca nem um pouco, mas está  
 sempre bem fixo, mantém inteiramente equilibrada<sup>14</sup>  
 a Terra no centro<sup>15</sup>, e ao redor de si conduz o céu.  
 Dois polos o delimitam nos dois términos:  
 mas um não é visível, e o outro, em posição oposta, é visível da região de Bóreas<sup>16</sup> 25  
 em cima do Oceano. Dos seus<sup>17</sup> dois lados estando, duas  
 Ursas correm juntas; por isso são chamadas de Carros<sup>18</sup>.

7 A ideia é que as estrelas seriam sinais bem ordenados (entre elas, em relação umas a outras) e bem construídos (nelas mesmas), em oposição aos sinais atmosféricos, pouco firmes e variáveis.

8 Fizemos uma paráfrase de *émpeda*, que remete ao solo (*pédon*), advérbio que significa firmemente (como que *fincado* no solo) ou contínua e duradouramente (como que *plantado* no solo). A raiz é uma imagem que passa os dois sentidos simultaneamente, além de remeter à dimensão agrícola que parece fortemente sugerida pelo contexto.

9 Este verso também pode significar “em primeiro e em último lugar”, isto é, antes e depois de todos os outros deuses.

10 No v. 46, a mesma expressão (*méga thaúma*) é usada para predicar uma constelação, como veremos. O que se expressa é que Zeus é “magno assombro”, porque o lugar onde ele se manifesta mais claramente — o firmamento, o céu estrelado — é causa de maravilhamento e espanto. É como se a divindade fosse ainda mais assombrosa por ser o criador ou organizador de algo tão espantoso.

11 Qual seja essa “primeira progênie” é incerto. Ela pode ser identificada com alguma primeira geração (o próprio Zeus, os Titãs, irmãos mais velhos de Zeus, primeiros astrônomos, a era heroica, ancestrais de Zeus, a era de ouro etc.); porém, dado o pano de fundo estoico, parece mais interessante identificá-la com a raça dos imortais, a primeira progênie, em oposição à raça dos mortais, a segunda (referida no v.1).

12 As estrelas.

13 Reiteração que enfatiza a eternidade do movimento das estrelas.

14 Talvez haja um jogo etimológico aqui. A palavra originadora de *atálanon*, *tálanon*, hipoteticamente compartilha a mesma raiz com o nome Atlas no indo-europeu \**tel-* (sofrer, aguentar, suportar). É como se Atlas fosse a personificação mitológica do eixo astronômico mencionado por Arato.

15 A Terra está no centro do cosmo, pois a astronomia de Arato é geocêntrica.

16 A região boreal é o hemisfério norte, o único que é visível para Arato e ao qual se referem suas observações astronômicas.

17 Do polo norte do eixo cósmico.

18 A Ursa Maior é uma constelação claramente reconhecível no céu e foi uma das primeiras constelações registradas. Na Antiguidade, ela constava apenas das sete estrelas mais brilhantes da constelação presente, correspondente ao Grande Carro atual. A configuração da Ursa Menor é muitíssimo semelhante à do Grande Carro, e possui sete estrelas principais.

Elas mantêm suas as cabeças sempre direcionadas para as cinturas  
uma da outra, e sempre movem-se ombreadas<sup>19</sup>,  
em sentidos opostos, alinhadas nos ombros. Se é de fato verdade, 30  
elas de Creta, pela vontade de Zeus magno,  
aos céus alçaram, porque quando ele rapazinho era<sup>20</sup>,  
na dulciodorada Licto, próxima do monte Ida,  
em antro o esconderam e dele cuidaram até a passagem de um ano,  
quando os rapazes dictenses<sup>21</sup> enganaram Crono. 35  
E a uma chamam pelo nome de Cinosura<sup>22</sup>,  
e à outra, Hélice<sup>23</sup>. Os homens Aqueus<sup>24</sup> pela Hélice  
no sal<sup>25</sup> julgam para onde é necessário vogarem as naves;  
por outro lado, confiando na outra, os Fenícios atravessam o mar.  
Mas uma é distinta e pronta a ser reconhecida, 40  
a Hélice, muito aparente<sup>26</sup> desde o princípio da noite;  
já a outra é pouco aparente<sup>27</sup>, mas para os nautas é mais forte:  
pois toda ela gira ao em uma órbita menor;  
com ela também os Sidônios<sup>28</sup> singram em linha retíssima.  
Entre ambas, como corrente de rio, 45  
enosca-se<sup>29</sup> Dragão<sup>30</sup>, magno assombro, tendo meandros aqui e ali<sup>31</sup>,  
infundável; dos dois lados de sua espiral movem-se

19 Há duas ideias possíveis aqui, não necessariamente opostas: a primeira é a de que o movimento das duas constelações advém de sua estrela componente mais ao norte, donde o ombro como «a parte de cima, superior»; a segunda é a de que as Ursas giram ao redor do polo norte de costas, donde se movem a partir dos ombros. Aproveitamos o sentido de «ombrear» para também passar a ideia do alinhamento das duas Ursas.

20 Referência ao mito do ocultamento de Zeus.

21 Referência aos Curetes, habitantes do monte Ida, que ocultaram o choro de Zeus fazendo uma dança de guerra em que batiam nos seus escudos. Há um jogo de palavras entre *Koúrites*, jovens guerreiros, e *kourízonta*, o participio de verbo que significa “ser criança”. Por isso, preferimos traduzir o trocadilho e obscurecer a referência mitológica.

22 Literalmente, “cauda de cão”, outro nome para a Ursa Menor, por ser ela uma constelação pequena como a cauda de um cachorro.

23 É outro nome para a Ursa Maior, por conta de seu movimento helicoidal.

24 Ou seja: os gregos.

25 Maneira homérica de designar o mar.

26 Ou seja: grande.

27 Ou seja: pequena.

28 Outro nome para os fenícios, por conta de Sídon, uma das mais importantes cidades fenícias, quicá a mais antiga.

29 O verbo passa a ideia, simultaneamente, da *sinuosidade* da constelação e de seu movimento rotatório.

30 A constelação de Dragão contém quinze estrelas principais, todas de brilho débil. É uma constelação circumpolar quando vista do hemisfério norte, ou seja: nunca se põe (ao que se refere Arato no v. 62). Cerca de 3000 a.C., Dragão estava muito próximo do polo, e uma das estrelas componentes de seu corpo era a estrela polar do período. Junto das duas Ursas, Dragão constituía o conjunto das estrelas polares. A constelação foi mitologicamente identificada com o dragão que guardava as maçãs de ouro das Hespérides, morto por Hércules.

31 Dois advérbios que indicariam os dois meandros do Dragão.

as Ursas, guardando-se do ciano<sup>32</sup> Oceano.  
 Mas ele se estica sobre uma<sup>33</sup> com o confim da cauda,  
 e à outra<sup>34</sup> com a espiral rodeia. A extremidade de sua cauda para junto da cabeça da Ursa Hélice, 50  
 e na espiral Cinosura a cabeça mantém; e ela<sup>35</sup> bem aí na cabeça enrola-se, vai até seu pé,  
 e de volta corre recolhendo-se. Na sua<sup>36</sup> cabeça,  
 estrela não lampeja por si mesma sozinha, 55  
 mas são duas nas frentes e duas nas vistas, e uma abaixo ocupa o término da mandíbula do admirável prodígio.  
 A cabeça está inclinada, e totalmente parece estar assentindo à extremidade da cauda da Hélice; e estão exatamente em linha reta,  
 tanto a boca quanto a frente direita, com o confim da cauda. 60  
 A cabeça dela<sup>37</sup> vai mais ou menos por onde as extremidades dos nascentes e poentes<sup>38</sup> misturam-se umas com as outras.  
 E próximo a ela<sup>39</sup> turbilhona uma imagem semelhante a um homem que labuta. Ninguém sabe como chamá-la com certeza,  
 nem por qual tarefa curva-se ele, mas apenas 65  
 chamam-no “o de joelhos”<sup>40</sup>; mais ainda, de joelhos trabalhando parece alguém que se curva; de seus dois ombros as mãos se erguem, e estão esticados aqui e acolá os braços completamente; e a extremidade do pé direito mantém-se acima do meio da cabeça do curvado Dragão. 70  
 Ali mesmo também está aquela Coroa<sup>41</sup> ilustre que Dioniso colocou para constelar a desaparecida Ariadne;  
 ela gira próximo da espalda da imagem que trabalha.

32 No original, *kyanéou*, origem etimológica da palavra “ciano”, porém com o significado de azul escuro. Optamos por preservar a sonoridade em detrimento do significado.

33 A Ursa Maior.

34 A Ursa Menor.

35 A espiral.

36 Textualmente da espiral, embora o sentido remeta à cabeça do Dragão.

37 Mesmo caso da nota anterior.

38 Os horizontes do leste e do oeste eram considerados arcos em que diferentes estrelas tinham pontos onde nasciam e se punham. As extremidades desses arcos se fundiriam a zero grau. Ou seja: segundo Arato, a cabeça do Dragão nunca se põe (tampouco nasce, em contrapartida).

39 A cabeça da constelação do Dragão.

40 A constelação daquele de joelhos foi posteriormente identificada com Hércules, o que coaduna com o fato de ela parecer estar pisando na cabeça da constelação do Dragão. Hércules matou o dragão que defendia as maçãs de ouro das Hespérides. Com quatorze estrelas principais, a constelação é mais visível na primavera e no verão.

41 A Coroa é atualmente conhecida como Coroa Boreal (para diferenciá-la da Coroa Austral do hemisfério sul). A Coroa é uma constelação em arco de sete estrelas, pequena e pouco brilhante.

A Coroa se aproxima da espalda, e junto da extremidade  
da cabeça<sup>42</sup> observa a cabeça de Serpentário<sup>43</sup>, e dela 75  
poderias notar o resto de Serpentário como bem aparente,  
tão rútilos os ombros subjacentes à cabeça  
se veem; eles, mesmo na Lua cheia,  
podem ser vistos. Mas as mãos não são exatamente iguais:  
pois ténue luz uma e outra percorre; 80  
não obstante, essas também são visíveis: não são pequenas.  
Ambas lutam com a Serpente, que pelo meio  
circula Serpentário. Ele, bem firmado, incessantemente  
esmaga com ambos os pés enorme besta,  
Escorpião<sup>44</sup>, em pé sobre sua vista e tórax. 85  
Mas a Serpente revira-se entre suas duas mãos,  
pouco aparente na direita, porém muito na elevada esquerda<sup>45</sup>.  
Pois bem, junto à Coroa situa-se a ponta da sua<sup>46</sup> mandíbula  
e, sob a espiral, busca as grandes Garras<sup>47</sup>;  
no entanto, elas carecem de luz e não são nada brilhantes. 90  
Atrás de Hélice<sup>48</sup>, assemelhando-se a um condutor, vem  
Artofiláce<sup>49</sup>, a quem os homens chamam Boieiro<sup>50</sup>  
porque parece tocar levemente o carro da Ursa.  
Ele é todo muito conspícuo; e, sob o seu cinturão,  
circula a própria Arcturo<sup>51</sup>, estrela distinta das demais. 95

---

42 Do de joelhos.

43 A constelação de Serpentário (ou Ofiúco) foi posteriormente identificada com Asclépio. Ela é composta por dez estrelas principais. Já a Serpente é caracterizada por estar dividida por Ofiúco em duas seções. Possui onze estrelas principais.

44 Com dezoito estrelas principais, Escorpião é bastante visível no céu, o que pode explicar a pouca atenção que Arato dedica à constelação. Ela foi identificada com o escorpião mítico evocado por Ártemis para matar Órion. A constelação de Órion, aliás, não aparece no horizonte até o desaparecimento de Escorpião, o que Arato interpreta como uma fuga no v. 636.

45 A seção do rabo (*serpens cauda*) é menor e menos brilhante do que aquela da cabeça (*serpens caput*).

46 Da Serpente.

47 Trata-se de um grupo de estrelas que originalmente integrava a constelação de Escorpião, correspondendo às suas garras. Esse grupo de estrelas, após ter sido desmembrado do Escorpião, passou a ser também conhecido como constelação de Libra.

48 Outro nome para a constelação de Ursa Maior; ver v. 37.

49 *Arktophylax* em grego, que significa “guardião da Ursa”.

50 Constelação frequentemente referida pelo seu nome grego, “Bootes”.

51 Arcturo é a estrela mais brilhante da constelação de Bootes, ou Boieiro. Segundo a mitologia, Calisto, ninfa companheira de Ártemis, gerou de Zeus um filho, Arcas ou Arcade, e foi, por isso, transformada em Ursa por Hera enciumada ou, em outra versão, pela própria Ártemis. Ao crescer, Arcas se torna um caçador e, estando a ponto de matar a Ursa, é impedido por Zeus que, então, os transforma em estrelas: a Ursa Maior e Arcturo, o guardião da Ursa. A constelação do Boieiro vem acompanhada pelos cães utilizados na caça ao urso.

Sob os dois pés do Boieiro, observa  
a Virgem, que traz nas mãos uma Espiga<sup>52</sup> radiante.  
Quer descenda de Astreu, que dizem os antigos  
ser pai dos astros, quer de alguém outro,  
que ela siga seu caminho em paz. Corre, no entanto, outra história 100  
entre os homens, que ela antes vivia na Terra  
e vinha ter com os homens e de modo algum  
desdenhava das tribos dos homens e mulheres antigos,  
mas sentava-se entre eles, ainda que fosse imortal.  
E chamavam-na Justiça: reunindo os anciãos 105  
ou na praça ou na larga via,  
ela cantava, incitando ao que é apropriado ao povo.  
À época, os homens ainda não conheciam funesta contenda  
nem disputa censurável nem clamor de batalha,  
mas viviam como eram: ficava de lado o mar atroz, 110  
e os víveres, não os traziam de longe as naves,  
mas sim bois e arados e a própria Senhora dos povos,  
Justiça, a doadora do que é justo, toda uma miríade de coisas provia.  
Assim foi, enquanto a Terra ainda alimentava a raça áurea<sup>53</sup>.  
Contudo, com a raça argêntea estava pouco ou nada inclinada 115  
a conviver, desejosa dos costumes dos povos de antigos.  
No entanto, ela ainda estava junto daquela raça argêntea.  
Ao anoitecer, saía sozinha das montanhas ruidosas  
e não se dirigia a ninguém com palavras doces,  
mas, quando havia enchido as grandes montanhas de homens, 120  
ameaçava-os, reprovando-os por sua maldade,  
e dizia que não mais viria à presença dos que a chamassem.  
“Que geração inferior vossos áureos pais deixaram!  
E vós ainda piores filhos deveréis gerar.  
Certamente haverá guerras e derramamento injusto de sangue 125  
entre os homens, e a dor dos males os cobrirá.”  
Assim tendo falado, rumou para as montanhas  
e deixou as gentes todas ainda a mirá-la.  
Mas, quando também aqueles haviam morrido, nasceram outros,  
a geração de bronze, homens mais destrutivos que os anteriores, 130  
os primeiros a forjar a adaga própria dos crimes  
nas estradas e os primeiros a comer a carne dos bois de arado,

52 A estrela mais brilhante da constelação de Virgem.

53 A decadência dos mortais, tema desenvolvido na sequência, é um *tópos* recorrente na literatura antiga desde Hesíodo, que enumera cinco eras humanas: a de ouro, a de prata, a de bronze, a dos heróis e de ferro; cf. *Os Trabalhos e os Dias*, 106-201.

e então a Justiça, odiando a raça daqueles homens,  
voou ao céu e passou a habitar essa região,  
onde à noite ainda aparece aos homens 135  
como a Virgem, que está perto do conspícuo Boieiro.  
Sobre os seus dois ombros circula uma estrela  
[na sua asa direita, chamada, por sua vez, de Vindimador<sup>54</sup>]<sup>55</sup>  
de tal magnitude e inserida com tal brilho  
como os da estrela que se vê sob a cauda da Ursa Maior<sup>56</sup>. 140  
Ela<sup>57</sup> é mesmo impressionante, e impressionante são as estrelas próximas a ela:  
vendo-as, não carecerias de outra referência,  
de tal sorte belas e grandes movem-se diante de suas patas,  
uma diante das patas dianteiras, outra, das patas que se prolongam do lombo,  
e ainda outra sob os joelhos posteriores. Mas todas elas 145  
movem-se individualmente, cada uma em sua parte e anônimas.  
Sob a cabeça dela estão os Gêmeos<sup>58</sup>, e sob a região central o Caranguejo<sup>59</sup>,  
e o Leão resplandece belamente sob as patas posteriores.  
Aqui é o ponto mais quente da rota do Sol  
e os campos são vistos vazios de espigas 150  
quando o Sol junta-se pela primeira vez com o Leão.  
Então, também os ruidosos ventos etésios<sup>60</sup> com toda força  
abatem-se sobre o vasto mar e não é mais época de navegar  
com remos. Nesse momento, as naves largas seriam do meu agrado,  
e os pilotos teriam os lemes voltados na direção do vento. 155  
Se o Cocheiro<sup>61</sup> e as estrelas do Cocheiro<sup>62</sup>  
considerares observar, e se chegou a ti o rumor da própria Cabra<sup>63</sup>

54 Estrela usualmente referida pelo nome latino “Vindematrix”.

55 Este verso, ainda que esteja presente nos manuscritos mais antigos, é tomado por quase todos os editores como uma interpolação, ou seja, como adição posterior à composição original do poema. Note-se que, tendo descrito a localização de Vindematrix por referência aos ombros da Virgem, seria desnecessário, senão confuso, que Arato a caracterizasse imediatamente em seguida por relação a uma de suas asas.

56 Provável referência à estrela atualmente conhecida como Cor Caroli.

57 A Ursa Maior.

58 Constelação identificada a Cástor e Pólux, os Dióscuros.

59 Ou seja, a constelação de Câncer.

60 Os ventos “anuais”, que sopravam do norte e noroeste no verão.

61 Constelação frequentemente referida pelo nome latino “Auriga”.

62 É provável que as “estrelas do Cocheiro” não correspondam à totalidade das estrelas perpendiculares à constelação, mas apenas ao grupo formado pela Cabra e suas Crias, que recebe atenção especial de Arato.

63 Estrela usualmente designada pelo nome latino “Capella”, a mais brilhante da constelação do Cocheiro (ou Auriga). A referência mitológica corresponderia à cabra Amaltea, que teria amamentado a Zeus em Creta (ver v. 163).

ou das Crias<sup>64</sup>, que muitas vezes observaram  
os homens dispersos no mar revolto,  
ao próprio Cocheiro imenso, à esquerda dos Gêmeos, todo 160  
reclinado encontrarás; e a ponta da sua cabeça  
gira oposta à Hélice. Está fixada ao seu ombro esquerdo  
a Cabra sagrada que, segundo o relato, ofereceu o peito a Zeus:  
os intérpretes de Zeus a chamam “Cabra Olênia<sup>65</sup>”.  
Ela é grande e brilhante, ao passo que as suas Crias 165  
brilham fracamente junto ao punho do Cocheiro.  
Ao lado dos pés do Cocheiro, o cornífero Touro deitado  
trata de ver. A constelação está disposta de forma muito semelhante a ele,  
de tão bem definida que está a sua cabeça: e ninguém de outra  
estrela precisaria para reconhecer a cabeça do boi, pois as próprias 170  
estrelas, girando ao redor de seus dois lados, o modelam.  
O nome delas é muito mencionado e, do mesmo modo,  
não são desconhecidas as Híades<sup>66</sup>, as quais por toda testa  
do Touro estão espalhadas; a ponta do chifre esquerdo  
e o pé direito do Cocheiro justaposto 175  
são ocupados por uma única estrela<sup>67</sup>, e ligados eles se movem.  
O Touro está sempre adiantado em relação ao Cocheiro  
ao descer para o outro lado do horizonte<sup>68</sup>, embora tenha subido em sua companhia.  
Certamente, a infeliz família de Cefeu<sup>69</sup>, filho de Jásida,  
de maneira alguma ficará sem menção, mas também seus 180  
nomes chegaram ao céu, visto que eram próximos de Zeus.  
O próprio Cefeu, estando atrás da Ursa Cinosura,  
se assemelha a alguém que estende ambas as mãos;  
de igual tamanho são a linha que se estende da ponta de sua cauda  
até os dois pés e a que se estende de um pé ao outro. 185  
E se tu olhares um pouco depois do cinto,  
encontrarás a primeira curva do grande Dragão.  
Na frente dele, a infeliz Cassiopeia revolve

64 Pequeno grupo de estrelas de pouco brilho, situadas no punho do Cocheiro/Auriga, tomadas como sinal de mal tempo.

65 A origem do epônimo é incerta. É possível que faça referência a uma cidade (Oleno) ou à posição da estrela, que se situa perto do cotovelo do Cocheiro (pode-se compreender “olênia” como significando “perto do cotovelo”).

66 As “Chuvosas”, literalmente, dado que seu ocaso anuncia a estação das chuvas, são um aglomerado estelar localizado na constelação de Touro.

67 Esta estrela é a Beta Tauri e Gama Aurigae, uma gigante azul 280 vezes mais luminosa do que o Sol, como informa Dorda.

68 Para o oeste.

69 Rei dos etíopes, marido de Cassiopeia e pai de Andrômeda. A origem mitológica da constelação de Cefeu não é clara.



não muito brilhante, porém visível durante a Lua cheia;  
 não são muitas as estrelas ziguezagueantes<sup>70</sup> que a iluminam, 190  
 as quais a contornam inteira claramente.  
 Tal como quando a uma porta de duas folhas,  
 fechada por dentro, com uma clava golpeiam e empurram as suas barras,  
 assim aparecem as estrelas que singularmente  
 a compõem<sup>71</sup>. Dessa maneira ela estende a partir dos pequenos ombros 195  
 os braços: tu dirias que ela chora pela filha.  
 Ali também revolve a assombrosa imagem  
 de Andrômeda, delineada abaixo da mãe. Creio que tu não  
 examinarás muito a noite para avistá-la imediatamente;  
 tão visível são a sua cabeça e em cada lado 200  
 os seus ombros e as ponta dos seus pés e todo seu cinto.  
 Mas mesmo lá ela está de braços esticados,  
 e seus grilhões também estão no céu; e se erguem  
 lá suas mãos estendidas todos os dias. 205  
 Adiante, o monstruoso Cavalo marcha, com seu baixo ventre  
 sobre a cabeça dela, e brilha uma estrela comum  
 ao umbigo dele e à extremidade da cabeça dela.  
 As três outras estrelas, sobre as costelas e os ombros  
 do cavalo, marcam linhas de igual tamanho,  
 lindas e grandiosas. A cabeça dele é a nada comparável, 210  
 nem seu pescoço, embora seja longo. Mas a última estrela  
 de seu refulgente queixo poderia desafiar as quatro primeiras,  
 as quais o delineiam sendo bem visíveis.  
 Mas ele não é quadrúpede: pois exatamente no meio de seu umbigo  
 o sagrado Cavalo aparece pela metade. 215  
 Dizem que do alto do Hélicon ele  
 trouxe a boa água da fertilizante Hipocrene.  
 Pois o alto do Hélicon ainda não jorrava por fontes,  
 mas o Cavalo o coiceou e, desse mesmo lugar, a incessante água  
 jorrou com o golpe da pata dianteira; e os pastores 220  
 foram os primeiros a chamar aquela nascente Hipocrene<sup>72</sup>.  
 E a água escorre da pedra, e tu não a verás  
 longe dos homens de Téspias; mas o Cavalo  
 revolve no reino de Zeus<sup>73</sup>, e lá podes contemplá-lo.

70 A constelação de Cassiopeia tem a forma da letra W.

71 A constelação se parece com a tranca torta de uma porta dupla sanfonada após uma tentativa de arrombamento.

72 Em grego, Hipocrene significa “fonte do cavalo”.

73 Ou seja, no céu.

E lá também estão os caminhos mais rápidos do Carneiro<sup>74</sup> 225  
que, percorrendo ciclos maiores<sup>75</sup>,  
não correrá mais lento do que a Ursa Cinosura.  
Ele é apagado e sem estrelas, como se fosse observado com a Lua,  
mas tu ainda poderias encontrá-lo pelo cinturão  
de Andrômeda: pois ele fica um pouco abaixo dela. 230  
Ele corta ao meio o grande céu<sup>76</sup>, exatamente onde as pontas  
das Garras<sup>77</sup> e o cinturão de Órion circulam.  
Há ainda outra constelação formada logo  
abaixo de Andrômeda: é medido por três  
lados o Delta<sup>78</sup>, que é semelhante ao isósceles 235  
por seus lados; um lado não é tão grande, mas é muito fácil  
de ser encontrado: pois ele é mais estrelado do que os outros dois.  
As estrelas dele estão um pouco mais ao Noto do que as do Carneiro.  
Ainda mais adiante, mas ainda mais próximo do Noto<sup>79</sup>,  
estão os Peixes; mas um está sempre à frente do outro 240  
e, descendo, escuta mais o frescor de Bóreas.  
De ambos se estendem como que correntes  
de suas caudas, que de ambos os lado se juntam em uma linha.  
E as sustém uma só estrela, bela e grande,  
à qual chamam Nó Celestial. 245  
Que o ombro esquerdo de Andrômeda seja para ti  
um sinal do Peixe mais boreal: pois está muito perto dela.  
Os dois pés dela indicarão o caminho até seu esposo  
Perseu<sup>80</sup>, sobre cujos ombros se movem sempre.  
Ele se move no norte, maior que outras constelações; 250  
sua destra está estendida em direção ao assento do  
trono de sua sogra<sup>81</sup>, como se perseguisse algo a seus pés,  
ele dá longos passos, coberto de pó, na morada de Zeus pai<sup>82</sup>.  
Perto de seu joelho esquerdo, em cacho, movem-se

74 Áries.

75 O circuito da constelação de Áries é maior do que o da Ursa Maior, mas, mesmo assim, Áries o completa no mesmo tempo que a Ursa Maior.

76 Na linha do Equador.

77 Constelação de Libra; cf. v. 89 e nota.

78 Ou Triângulo.

79 Perto do hemisfério sul.

80 Filho de Zeus e Dánae, célebre por ter decapitado a górgona Medusa.

81 Cassiopeia, mãe de Andrômeda, é sogra de Perseu.

82 Perseu deixa um rastro de poeira ao perseguir o monstro marinho que ameaça Andrômeda, acorrentada a um rochedo.

todas as Plêiades<sup>83</sup>; não muito amplo é o espaço que a todas  
 contém, e são débeis para serem observadas uma a uma. 255  
 “Sete Vias” é como são celebradas entre os homens,  
 ainda que apenas seis sejam visíveis aos olhos.  
 De modo algum quer dizer que, ignorada, alguma estrela tenha  
 sumido do céu desde que ouvimos falar dela, mas é bem 260  
 assim que se conta<sup>84</sup>. Aquelas sete, de nome, chamam-se  
 Alcione, Mérope, Celeno, Electra,  
 Estérope, Taigete e Maia augusta.  
 Elas são igualmente pequenas e pálidas; célebres, porém,  
 giram de manhã cedo e ao entardecer, e Zeus é a causa, 265  
 que o início tanto do verão quanto do inverno<sup>85</sup> fê-las  
 assinalarem, e a chegada do tempo das lides no campo<sup>86</sup>.  
 Também a Tartaruga é pequena: ainda junto a seu berço,  
 Hermes a escavou e declarou que se chamaria Lira<sup>87</sup>.  
 Embaixo a fixou, diante da imagem desconhecida<sup>88</sup>, 270  
 ao introduzi-la no céu: esta, caída sobre as pernas,  
 dela se aproxima com o joelho esquerdo, e o alto  
 da cabeça da Ave rodopia defronte; e, entre  
 a cabeça da Ave e o joelho, assenta-se a Lira.  
 De fato, uma colorida Ave<sup>89</sup> acompanha Zeus, 275  
 escura em algumas partes, mas outras encrespam-se

- 
- 83 Filhas de Atlas e Plêione, uma das oceânides. Perseguidas por Órion, Zeus as catasteriza, formando o conhecido aglomerado que faz parte da constelação de Touro. Homero já as conhecia, pois Hefesto as grava no escudo de Aquiles (*Iliada* 18, 486), e Odisseu as observa no céu (*Odisseia* 5, 272).
- 84 Mérope, às vezes denominada ‘a estrela perdida’, é a plêiade invisível a olho nu: ela se esconde, envergonhada por ser a única que se casou com um mortal, Sísifo. Há uma outra versão, citada pelo próprio Arato no poema perdido intitulado *Epikêdeion pròs Theópropon* (“Lamento para Teópropo”), segundo a qual a plêiade invisível era Electra, que se extinguiu de tristeza pela queda de Troia. Ovídio também afirma a existência dessas duas versões (*Fastos* 4, 169-178).
- 85 Os termos *théros* (“verão”) e *kheíma* (“inverno”) às vezes são usados de modo a abranger todo o ano: a estação quente, de tempo bom, e a estação fria, de tempo ruim (cf. *Odisseia* 7, 117-8; Hesíodo, *Os Trabalhos e os Dias* 640). Esses períodos são até certo ponto flexíveis, dependendo do tempo de ano para ano, mas são precisos o suficiente na prática (cf. vv. 1077-81). Assim, as Plêiades convencionalmente tornam-se as divisoras do ano.
- 86 Segundo Hesíodo, as Plêiades são muito importantes no calendário do agricultor: seu surgimento pela manhã, no início do verão (maio), sinaliza o início da colheita (*Os Trabalhos e os Dias* 383, 572), e seu ocaso pela manhã, no início do inverno (novembro), a lavra (384, 615); este é útil também aos marinheiros, pois anuncia tempestades (619).
- 87 Segundo a lenda, Hermes inventou a lira, esvaziando a carapaça de uma tartaruga e sobre ela estendendo cordas feitas com tripas de ovelha (*Hino Homérico* 4, 24-51).
- 88 Referência à figura desconhecida mencionada no verso 64.
- 89 O nome alternativo Cisne (*Kýknos*) surgiu quando a Ave (Órnis) passou a ser identificada com o cisne da mitologia: Zeus adota a forma de cisne para seduzir Leda, e esta põe um ovo do qual nascem Helena e Polideuces.

com estrelas não muito grandes, ainda que não débeis.  
 Semelhante à ave que desfruta de tempo sereno, em  
 propício voo lança-se rumo ao poente, até a mão direita  
 de Cefeu, prolongando a ponta da asa direita; 280  
 ao lado da asa esquerda, encontra-se o empino do Cavalo.  
 À volta do Cavalo que empina, situam-se os dois Peixes,  
 e, ao lado de sua cabeça, estende-se a mão  
 direita do Aguadeiro<sup>90</sup>: este após o Capricórnio  
 desponta. Por sua vez, mais à frente e abaixo, 285  
 está o Capricórnio, onde o vigoroso Sol faz a volta<sup>91</sup>.  
 Naquele mês<sup>92</sup>, não te banhes no mar,  
 ao dispores do pélago aberto! Nem poderias, de dia, uma  
 longa viagem perfazer, já que os dias são mais breves,  
 nem, à noite, estando tu amedrontado, mais cedo o dia 290  
 chegará, mesmo se muitíssimo gritares. Os penosos  
 Notos<sup>93</sup> então se arrojam, quando em Capricórnio  
 entra o Sol: nesse momento, o frio que vem de Zeus  
 é mais cruel ao enregelado marinheiro. Seja como for,  
 durante o ano todo, sob a roda de proa, o mar 295  
 se agita; tais como as gaivotas mergulhadoras,  
 amiúde fitando o mar em redor a partir dos barcos,  
 sentamo-nos voltados para a praia, que ainda distante pelas  
 ondas é banhada: um pequeno lenho nos separa do Hades.  
 Após teres muito padecido no mar, mesmo no mês anterior, 300  
 quando o Sol aquece o arco e aquele que brande o arco<sup>94</sup>,  
 possas aportar ao entardecer, não mais confiante na noite.  
 Sinal seja para ti, daquela estação e daquele mês,  
 o Escorpião despontando no fim da noite.  
 De fato, um grande arco, perto da ponta da seta, estira 305  
 o Arqueiro; e um pouco à frente dele se ergue,  
 despontando, o Escorpião, que sobe logo em seguida.  
 Então também a cabeça de Cinosura, no fim da noite,

90 É a constelação de Aquário, que se identifica com Ganimedes, jovem herói descendente de Dárdano, o fundador de Troia. Enamorado de sua beleza, Zeus o rapta para servir como escanção aos deuses no Olimpo.

91 Isto é, no Trópico de Capricórnio, quando ocorre o solstício de inverno no hemisfério norte.

92 Arato se refere provavelmente ao mês chamado Posídeon (*Poseideón*) nos calendários de Atenas, Delos e Mileto, correspondente à segunda metade de dezembro e primeira de janeiro.

93 Os ventos do sul.

94 A constelação do Arqueiro, ou Sagitário. Ela representa um centauro erguendo um arco e uma flecha, e é identificada com o centauro Quíron, tutor de vários heróis, ou com o sátiro Croto, filho de Pã e Eufeme, ama-de-leite das musas.

bem no alto corre, e declinam, antes da aurora,  
 Órion, de uma só vez, e Cefeu, da mão até a cintura. 310  
 Há mais adiante uma outra Flecha<sup>95</sup>, arremessada  
 sozinha, sem um arco; perto dela, a Ave abre as asas,  
 mais perto da região boreal. Junto a ela, outra ave é levada pelo ar,  
 não tão grande, mas perigosa<sup>96</sup> ao erguer-se do mar  
 quando a noite vai embora: chamam-na de Águia. 315  
 O Golfinho, não muito grande, corre sobre o Capricórnio,  
 escuro no centro: mas circundam-no quatro  
 brilhantes, paralelamente dispostos dois a dois.  
 Essas são as constelações que se espalham entre Bóreas<sup>97</sup> e o errante  
 curso<sup>98</sup> do Sol; embaixo, porém, despontam muitas 320  
 outras, entre o Noto<sup>99</sup> e o caminho do Sol.  
 Oblíquo, abaixo da secção do Touro, situa-se o próprio  
 Órion<sup>100</sup>. Aquele que, numa noite clara, não reparar nele  
 estendido no alto, não creia, ao elevar os olhos para o céu,  
 outras constelações mais notáveis poder contemplar. 325  
 Tal também é o seu guardião, que, sob o dorso ascendente,  
 aparece: o Cão<sup>101</sup> erguido com ambas as patas,  
 variegado, mas não de todo brilhante, pois escuro em seu  
 ventre<sup>102</sup> ele se eleva; porém a ponta de sua  
 mandíbula é marcada por estrela maravilhosa que sobremodo 330  
 pungente arde – os homens a chamam  
 Ardente<sup>103</sup>. Não mais, quando ela se ergue simultânea ao Sol,  
 os pomares enganam, folheando-se sem frutos,  
 pois, então, facilmente os distinguiu, disparado através das fileiras<sup>104</sup>.

95 Também chamada Seta, uma das menores constelações no céu.

96 Perigosa (*khalepós*) devido ao tempo tormentoso, difícil de suportar, que a acompanha; cf. v. 879.

97 Aqui, o Polo Norte.

98 Como aponta Kidd (302), o “curso” do Sol é a sua eclíptica; a palavra *álêsis* reflete o fato de que o Sol é um dos sete planetas gregos, pois se move sobre o plano de fundo das estrelas fixas.

99 Não o Polo Sul, em oposição a Bóreas, mas o limite sul das estrelas visíveis a observadores na Grécia.

100 O nome refere-se ao poderoso gigante e caçador, filho de Posêidon e Euriale, filha de Minos. É umas das constelações mais brilhantes e, assim como as Plêiades, as Híades e a Ursa, também aparece no escudo de Aquiles (*Ilíada* 18, 486). Em Hesíodo, é um importante guia para as estações do ano (*Os Trabalhos e os Dias* 598, 609, 615).

101 Trata-se da constelação Cão Maior.

102 Ou seja: faltam estrelas na região da barriga do Cão.

103 Essa estrela, a maior da constelação, é bem mais conhecida por Sírio.

104 Verso muito sonoro em grego, com três palavras terminadas com o ditongo [ai], cujo som de /a/ ainda ecoa em *analdéa* (“sem frutos”). A sonoridade se completa ainda com aliterações de plosivas e da líquida /l/.

a uns deu força; de outros destruiu todo o viço <sup>105</sup> .	335
Também de seu ocaso escutam, mas os outros sinais, postos ao redor para delinear seus membros, são mais fracos. Sob ambos os pés de Órion, a Lebre todos os dias é incessantemente caçada; de sua parte, sempre Ardente segue atrás como que a perseguindo,	340
ergue-se depois dela e, quando ela descende, ele a vigia. Perto da cauda do grande Cão, arrasta-se Argo <sup>106</sup> , de popa, pois para ela os caminhos não são de acordo com a obrigação, mas segue para trás, como as próprias <sup>107</sup> naus quando os marinheiros voltam a popa,	345
ao entrar no ancoradouro: de imediato cada um faz retroceder a nau, que refluxe se atraca à terra firme. Dessa maneira, arrasta-se de popa a Argo de Jasão. Rarefeita e sem estrelas ao longo do próprio extremo mastro desde a proa, ela segue; de resto, é toda brilhante.	350
Seu leme, solto, está afixado às patas traseiras do Cão, que vai à frente. Ainda que estendida a não pouca distância, Andrômeda é acossada pela grande Baleia <sup>108</sup> que se aproxima. Pois ela, por um lado, exposta ao sopro de Bóreas Trácio <sup>109</sup> ,	355
segue; por outro, Noto <sup>110</sup> leva a ela a inimiga Baleia, sob tanto o Carneiro quanto ambos os Peixes, um pouco acima do Rio estrelado. Pois, sozinho, sob os pés dos deuses, também ele se move, resquício do Eridano <sup>111</sup> , rio de muitas lágrimas.	360
Sob o pé esquerdo de Órion ele se estende. Os grillhões caudais, pelos quais as extremidades dos Peixes se juntam,	

105 A ascensão de Sírio simultânea ao Sol coincide com dias muito quentes, os quais destroem certas plantas e dão força a outras.

106 Nau lendária de Jasão e dos argonautas, grande consórcio de heróis pré-homéricos cujo mito de exploração de novas terras (em busca do velo de ouro) é narrado, entre outros, por Apolônio de Rodas nas *Argonáuticas*.

107 Isto é, as naus de verdade.

108 *Kêtos*, em grego, designa qualquer monstro marinho. “Baleia” é nome dado pelos astrônomos modernos devido à crença de que o monstro enviado por Poseidon para devorar Andrômeda era uma baleia.

109 O vento norte.

110 O vento sul.

111 Outra constelação imaginada como um rio. O traçado de suas estrelas, na mitologia, estava ligado ao mito de Faetonte, que, tomando o carro de seu pai, o Sol, foi incapaz de controlá-lo. Como queimava a terra e o céu com o carro do Sol descontrolado, Zeus o atingiu com um raio. O curso das estrelas do Eridano corresponderia ao de sua queda ao ser abatido.

ambos se movem juntos conforme descem a partir das caudas  
e seguem atrás da barbatana da Baleia,  
movendo-se em conjunto, e terminam numa única estrela 365  
da Baleia, na que jaz no topo da espinha dela.  
Outras <estrelas>, dispostas em pouco espaço e com pouca luz,  
no meio entre o timão<sup>112</sup> e a Baleia circulam,  
postas sob as costelas da Lebre cinza,  
inominadas; pois semelhantes aos membros 370  
de nenhuma figura bem definida estão lançadas, como as muitas  
que, marchando ordenadas, passam pelos mesmos caminhos  
conforme os anos se completam, às quais um dos homens que já não existem  
apontou e planejou chamar todas por nome,  
dando-lhes formas definidas: pois todas não poderia, 375  
individualmente discernidas, dizer por nome, nem aprender,  
pois são muitas por toda parte, de muitas são iguais  
as medidas e a cor, e todas são circundantes.  
Dessa forma, pareceu-lhe bom pô-las em grupo,  
as estrelas, a fim de, uma colocada junto à outra ordenadamente, 380  
sinalizarem figuras; desde então, tornaram-se nomeadas  
as constelações, e agora não mais sob espanto raia uma estrela;  
mas, sim, outras com figuras definidas nítidas  
se apresentam, porém as que estão sob a Lebre perseguida  
são todas muito rarefeitas e se conduzem inominadas. 385  
Abaixo de Capricórnio e sob os sopros do Noto,  
um Peixe, virado em direção à Baleia, flutua  
distinto dos primeiros: chamam-no nócio<sup>113</sup>.  
Outras <estrelas>, espalhadas, dispostas abaixo de Aguadeiro,  
entre a Baleia celeste e o Peixe flutuam, 390  
débeis e anônimas: próximo delas,  
como um pequeno jato d'água dispersada  
aqui e ali pela mão direita do ilustre Aguadeiro,  
cinzentas e fracas circulam.  
Entre elas, movem-se duas estrelas 395  
mais visíveis, nem muito afastadas, nem muito próximas:  
uma, bela e grande, embaixo dos pés  
de Aguadeiro; outra, embaixo da cauda da Baleia escura.  
Chamam-nas todas Água<sup>114</sup>. Outras poucas,

112 O timão de Argo.

113 Ou seja: austral, visto que Noto é o vento sul.

114 Água não era uma constelação regularmente definida, pois não era fácil distinguir as estrelas que formam a olho nu.

abaixo do Arqueiro, sob seus pés dianteiros, 400  
 dispostas em círculo, revolventes circulam.  
 Em seguida, embaixo do ferrão brilhante grande monstro  
 Escorpião, próximo ao Noto, flutua o Altar.  
 Irás percebê-lo por pouco tempo no alto,  
 pois se ergue oposto a Arcturo<sup>115</sup>. 405  
 De fato, são de todo muito elevados os caminhos  
 de Arcturo, ao passo que o outro submerge rápido no mar hespérico<sup>116</sup>.  
 Mas mesmo ao redor daquele Altar a Noite ancestral,  
 chorando o sofrimento dos homens, pôs da tempestade  
 marinha um grande sinal: pois, para ela, dispersas 410  
 naus estão distantes do seu coração<sup>117</sup>, e ela manifesta em diversas partes diversos  
 sinais, apiedando-se dos homens abatidos por muitas ondas.  
 Por isso, no mar, faz prece de que aquela constelação  
 não apareça no meio do céu envolvida por muitas nuvens,  
 ela própria sem nuvens e brilhante, mas ao alto muito 415  
 comprimida por nuvem ondulante, como muitas vezes  
 se aperta quando o vento de outono a empurra<sup>118</sup>.  
 Pois frequentemente propicia este sinal também para <anunciar> o Noto  
 a própria Noite, favorecendo os desgraçados marinheiros.  
 E eles, se atentam a ela que mostra sinais oportunos, 420  
 e rapidamente põem tudo em ordem e ajustado,  
 súbito mais leve se torna o trabalho. E se para a nau  
 de cima vem um terrível furacão de vento  
 assim imprevisto, e desajusta todas as velas<sup>119</sup>,  
 às vezes navegam completamente submergidos, 425  
 às vezes, se têm a sorte de que Zeus lhes acuda,  
 quando suplicam, e se relampagueia na direção de Bóreas,  
 ainda assim, suportando muitos males, novamente veem-se  
 uns aos outros no navio. Com este sinal, teme  
 Noto até que veja Bóreas relampaguear. 430  
 Se o ombro do Centauro distar do mar hespérico

115 Desde a Antiguidade se atribui a Arato um equívoco nesta passagem, pois o Altar não está a uma distância do Polo Sul igual à distância que está Arturo do Polo Norte. Para uma discussão detalhada, veja-se Kidd (327-328).

116 O mar ocidental.

117 Ou seja: não agrada à Noite ancestral ver naus perdidas em meio à tempestade

118 Trecho difícil, com muitas inversões, cujo nexos vai se construindo aos poucos, deixando o leitor em suspense, de modo a fortalecer o próprio sentido ominoso da passagem, em que se fala de sinais no céu que indicam tempestades no mar.

119 O plural provavelmente é poético. Navios gregos tinham apenas uma vela. Pode, contudo, referir-se também a todas as partes da vela.



tanto quanto do primeiro<sup>120</sup>, e um pouco de névoa o envolver,  
mas a Noite, por trás, fabricar sinais  
reconhecíveis sobre o Altar brilhante, então é-te preciso  
prestar atenção não no Noto, mas no Euro<sup>121</sup>. 435  
Encontrarás essa constelação situada abaixo de duas outras:  
a parte semelhante a um homem situa-se abaixo  
do Escorpião, e as Garras têm embaixo de si a parte traseira do Cavalo.  
Ele aparece, entretanto, como alguém que a mão direita sempre estica  
em direção ao Altar circular, e neste, muito firmemente, 440  
segura na mão outra constelação,  
a Fera<sup>122</sup>: assim nossos antepassados a nomearam.  
Mas ainda uma outra constelação ao longe<sup>123</sup> se move:  
chamam-na Hidra. Como algo vivo  
serpenteia continuamente, e sua cabeça chega sob o meio 445  
do Caranguejo, a espiral abaixo do corpo do Leão,  
e a cauda suspensa sobre o próprio Centauro.  
Sobre metade da espiral está a Taça, e na extremidade  
a figura do Corvo como se estivesse picando a espiral<sup>124</sup>.  
E, sim, também Prócion<sup>125</sup> brilha maravilhosamente abaixo de Gêmeos. 450  
Essas poderias ver com o correr dos anos  
sucessivamente retornando: pois assim todas elas estão bem fixadas  
no céu como ornamentos da noite que passa.  
Mas há cinco outras estrelas misturadas, nada semelhantes,  
que por todas as partes das doze figuras circulam<sup>126</sup>. 455  
Não poderias identificar, observando aquelas outras <constelações>,  
onde <as cinco> estão situadas, uma vez que são todas errantes.  
E longos são os anos de suas órbitas,

120 O mar oriental, ao qual Arato também chama o “outro” (571, 617, 726). O autor provavelmente refere-se ao ponto mais alto no céu que a constelação alcança. Há confusão sobre qual seria a estrela do ombro do centauro.

121 Vento que sopra do leste.

122 Constelação compacta com estrelas de terceira magnitude e sem nenhuma muito brilhante. Seu nome moderno é Lobo, mas não há especificação de que tipo de animal selvagem se tratava na antiguidade.

123 *Peraióthen*, aqui e nos versos 606, 645 e 720, remete ao horizonte oriental.

124 Corvo e Taça são usualmente representados como se estivessem apoiados na Hidra.

125 O nome de Prócion refere-se, modernamente, à estrela alfa Canis Minoris, a estrela mais brilhante da pequena constelação do Cão Menor, e uma das mais brilhantes de todo o céu. Na Antiguidade, porém, o nome de Prócion também se aplicava à constelação do Cão Menor como um todo. O Cão Menor é um dos dois cães de caça de Órion, sendo o Cão Maior o outro. Prócion antecede o Cão Maior, e disso vem seu o nome: *Prokýon* (“ante-cão”).

126 São os cinco planetas conhecidos pelos gregos: Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno, que passam pelas doze figuras do Zodíaco.

e longe uns dos outros situam-se seus sinais em seu percurso para a conjunção<sup>127</sup>.  
 Eu ainda não estou seguro no que diz respeito a elas: oxalá eu dê conta 460  
 de expor os ciclos das <estrelas> fixas e seus sinais no éter.  
 Com efeito, são quatro<sup>128</sup>, dispostos como rodas,  
 dos quais haveria máxima necessidade e desejo para quem  
 investiga as medidas dos anos completos.  
 Em toda sua extensão, há muitos sinais que muito claramente 465  
 os marcam de perto, por todos os lados, e completamente;  
 os círculos mesmos são sem largura e todos unidos uns aos outros<sup>129</sup>,  
 mas, em medida, dois se opõem a dois<sup>130</sup>.  
 Se alguma vez em noite clara, quando todas as brilhantes  
 estrelas são mostradas aos homens pela Noite celestial, 470  
 e durante a Lua nova nenhuma diminui em brilho,  
 mas todas brilham agudamente na escuridão;  
 se alguma vez então um maravilhamento alcançou o teu coração,  
 quando observaste o céu rachado em toda sua extensão por um largo círculo,  
 ou se alguma outra pessoa ao teu lado te mostrou 475  
 aquele círculo cravejado de estrelas por todos os lados (chamam-no Leite<sup>131</sup>):  
 nenhum outro círculo gira semelhante a esse em cor,  
 porém, em medida, dos quatro, dois são do mesmo tamanho ao girarem,  
 ao passo que os outros são muito menores<sup>132</sup>.  
 Um desses fica próximo <ao ponto> de onde desce Bóreas. 480  
 Sobre ele movem-se as duas cabeças de Gêmeos,  
 e sobre ele estão os olhos do firme Cocheiro,  
 e depois dele a perna esquerda e o ombro esquerdo  
 de Perseu, e ocupa o meio do braço direito de Andrômeda  
 acima do cotovelo: sua palma está sobre ele, 485  
 mais próxima de Bóreas, e o cotovelo inclina-se para o Noto.  
 Os cascos de Cavalos e o pescoço da Ave  
 com a cabeça na extremidade, e os belos ombros do Serpentário,  
 giram movendo-se pelo próprio círculo.  
 E, um pouco mais ao sul, sem o tocar, move-se 490  
 a Virgem, mas Leão e Caranguejo <o tocam>. Ambos

127 Referência ao “Grande Ano”, o período entre a conjunção anterior e a posterior de todos os planetas.

128 Os trópicos de Câncer e de Capricórnio, o Equador, que são paralelos e latitudinais, e o Zodíaco (ou eclíptica), que é oblíquo a eles.

129 Estão unidos nas interseções do Zodíaco com o Equador e dois trópicos.

130 O Zodíaco ao Equador, e um trópico ao outro.

131 Trata-se, evidentemente, da Via Láctea.

132 Os trópicos são menores.

ficam juntos, um depois do outro, e o círculo  
 corta o Leão abaixo do peito e da barriga até as partes pudendas,  
 e ao Caranguejo inteiramente abaixo de sua carapaça<sup>133</sup>, 495  
 ali onde muito claramente poderias vê-lo sendo dividido  
 por uma linha reta, onde<sup>134</sup> os olhos vão um de cada lado do círculo.  
 Se o círculo é dividido aproximadamente em oito partes,  
 cinco giram no céu sobre a Terra,  
 e três abaixo do horizonte: os solstícios<sup>135</sup> de verão estão ali.  
 Este círculo está fixado em Bóreas, ao longo do Caranguejo. 500  
 Outro, em Noto oposto, corta Capricórnio ao meio  
 e os pés do Aguadeiro e a cauda da Baleia;  
 nele está a Lebre, porém não muito do Cão  
 pega ele, mas somente o quanto ele ocupa com suas patas. Nele Argo  
 e o grande dorso do Centauro estão, e nele o ferrão 505  
 do Escorpião, e nele o arco do brilhante Arqueiro.  
 É o mais remoto <círculo> ao qual alcança o Sol,  
 ao passar do brilhante Bóreas ao Noto, e bem ali se vira,  
 no solstício; e três de suas oito partes revolvem acima  
 <do horizonte>, e as cinco restantes abaixo. 510  
 Entre os dois, tão grande quanto o branco Leite<sup>136</sup>,  
 um círculo que parece dividido gira abaixo da Terra;  
 nele os dias são iguais às noites em dois momentos:  
 quando mingua o verão, e então quando se inicia a primavera.  
 Como sinal, o Carneiro e os joelhos do Touro repousam nele: 515  
 o Carneiro se estende ao longo do círculo,  
 mas do Touro aparece um pouco da curvatura das pernas.  
 Nele estão o cinturão do radiante Órion  
 e a espiral da reluzente Hidra, e nele também a esmaecida  
 Taça, e nele o Corvo, nele as não muitas estrelas 520  
 do Escorpião, e nele os joelhos do Serpentário se movem.  
 Ele não está privado da Águia: perto dele  
 voa o grande mensageiro de Zeus; e junto a ele

133 Geralmente, *khéllys* é o casco da tartaruga, mas aqui se refere, obviamente, à carapaça do Caranguejo.

134 Kidd (358) defende que, aqui, *hína* muito provavelmente introduz uma oração subordinada adverbial de lugar, em vez da subordinada final adotada por outros estudiosos, e que a oração define com mais precisão o “ali” (*hēkhi*) mencionado no verso anterior.

135 Conforme Kidd (359), o método mais antigo para determinar solstícios é a observação dos pontos mais ao norte e mais ao sul no horizonte, nos quais o Sol nasce e se põe. Aqui, o solstício exprime a posição do Sol no ponto em que sua eclíptica toca o trópico, de onde o sol continua o seu curso pelo Zodíaco e não há curva observável.

136 A via láctea.

a cabeça e a cernelha do Cavallo revolvem.  
O eixo é circundado por círculos paralelos, 525  
mantendo-se no centro de todos; o quarto está fixado  
obliquamente entre os dois trópicos, que o sustentam em lados opostos,  
e o mediano<sup>137</sup> o corta ao meio.

Um homem instruído nas artes manuais de Atena  
não ataria de outro modo círculos giratórios, 530  
tais e tão grandes, fazendo girar a todos como esfera,  
de modo que eles, unidos entre si por um círculo obliquo,  
sejam postos, da aurora ao crepúsculo, em movimento todos os dias.  
E sincrônicos eles<sup>138</sup> nascem e se põem,  
todos paralelos, mas é um só, em cada lado <do horizonte>, 535  
o ponto do ocaso e do orto, sucessivamente.

Mas o <quarto círculo> costeia tanto a água do Oceano  
quanto volteia do nascimento de Capricórnio à ascensão  
de Câncer, e o quanto cobre completamente  
ao despontar, cobre o mesmo no outro lado, ao se pôr. 540  
O quanto se estende um brilho a partir do olho,  
seis vezes isso poderia subtender-se; e cada <parte>,  
medida igual, corta duas constelações.

Chamam a esse círculo pelo nome de Zodíaco.  
Nele está o Caranguejo, e depois o Leão, e sob ele 545  
a Virgem, e depois dela as Garras e o próprio Escorpião,  
e o Arqueiro e Capricórnio, e depois de Capricórnio  
está o Aguadeiro; depois dele, os dois brilhantes Peixes,  
e depois deles o Carneiro, e depois dele o Touro e os Gêmeos.

Passa o Sol por todos os doze, 550  
ao conduzir o ano todo, e, ao avançar em torno desse ciclo,  
todas as estações frutíferas prosperam.

E o tanto que submerge abaixo do Oceano côncavo  
equivale ao quanto que percorre sobre a Terra, e toda noite  
seis doze avos do círculo submergem 555  
e outras quantas emergem<sup>139</sup>. Cada noite sempre se estende  
sobre tanto comprimento quanto o da metade de um círculo  
que ergue-se acima da Terra a partir do início da noite.  
Não seria desperdício, para quem espera o dia,

137 O Equador.

138 Trópico de Câncer, Trópico de Capricórnio e Linha do Equador.

139 Quer dizer, o número de partes do círculo, que correspondem aos signos do Zodíaco, que está acima durante o dia é igual ao número de partes que está abaixo, durante a noite.

observar quando cada uma das partes<sup>140</sup> se ergue; 560  
 pois sempre se alça com uma delas o próprio  
 Sol. Melhor seria perscrutá-las  
 olhando para elas; mas, se obscurecidas por nuvens  
 ou escondidas por montanha ao subirem se tornarem,  
 devem-se criar sinais fixos para as <parte> que se elevam. 565  
 O próprio Oceano poderia ofertar a ti, em cada um  
 dos seus cornos<sup>141</sup>, os muitos sinais que circundam a si mesmo,  
 quando faz surgir desde o fundo cada uma daquelas<sup>142</sup>.  
 Não são as mais fracas, quando o Caranguejo ascende,  
 as estrelas que revolvem à sua volta e rodeiam ambos os lados <do Oceano>, 570  
 algumas mergulhando, outras se elevando.  
 Mergulha a Coroa, e mergulha o Peixe até a espinha;  
 poderias ver metade da Coroa acima no céu,  
 e metade os confins já sobrepujam, quando a Coroa se põe.  
 Mas da invertida<sup>143</sup>, que está atrás, submergem na noite 575  
 as partes acima da barriga, mas não as inferiores.  
 O Caranguejo faz descer o infeliz Serpentário dos joelhos  
 aos ombros, e também faz descer à Serpente até perto do pescoço.  
 Nem Artofílax estaria muito por ambos os lados,  
 a menor parte pelo dia, a maior já pela noite. 580  
 Em quatro signos<sup>144</sup> ao poente Boieiro  
 recebe o Oceano; ele, quando saciado de luz,  
 ocupa mais que a metade da noite passante,  
 e mergulha no momento em que o Sol se põe.  
 Estas noites também são chamadas “de poente tardio.” 585  
 Assim as constelações se põem, porém a outra, que é oposta e nada pequena,  
 mas sim muito brilhante com seu cinturão e seus dois  
 ombros, Órion, confiante na força da espada,  
 estende-se do outro lado levando o Rio inteiro.  
 Quando avança o Leão, descem todos os que 590  
 com Caranguejo começavam a se pôr, e também a Águia. Porém o que ajoelhado  
 está já <se pôs>, mas seu joelho e pé esquerdos  
 ainda não giram sob o Oceano ondulado.

140 Do Zodíaco.

141 Os arcos ocidental e oriental do horizonte.

142 Das constelações, pois cada constelação é acompanhada por algum sinal.

143 Esta constelação inominada seria a do Ajoelhado, que de fato se coloca de cabeça para baixo.

144 O Boieiro tomaria um grande tempo para se por (o equivalente à ascensão de quatro signos), pois ele se poria na posição perpendicular, enquanto que ele ascenderia rapidamente (cf. v. 608), pois ele estaria na posição horizontal.

Levantam-se a cabeça da Hidra e a Lebre de olhos faiscantes,  
 bem como Prócion e as patas dianteiras do ardente Cão. 595  
 Não são poucas as <estrelas> que sob as extremidades da Terra atira  
 a Virgem quando se levanta. Nesse momento, a Lira Cilênia<sup>145</sup>,  
 o Golfinho e a bem acabada Flecha se põem.  
 Com eles a Ave, do começo das asas<sup>146</sup> até a  
 cauda, e as extensões mais remotas do Rio se ensombrecem. 600  
 Põe-se a cabeça do Cavallo, põe-se também o pescoço.  
 Levanta-se em grande parte a Hidra até  
 a Taça e, antes dela, o Cão ergue suas outras patas<sup>147</sup>,  
 puxando atrás de si a popa da multiestrelada Argo;  
 a nave singra a Terra, cortada ao meio na altura do mastro, 605  
 assim que a Virgem inteira surge sobre o horizonte.  
 E que as Garras, ao avançarem, ainda que sutilmente brilhantes,  
 não passem sem menção, pois a grande constelação do Boieiro  
 levanta-se de uma só vez, precipitada por Arcturo.  
 Argo bem inteira já se detém elevada; 610  
 Mas a Hidra, pois está dispersa muito ampla no firmamento,  
 careceria de sua cauda<sup>148</sup>. As Garras fazem subir  
 .....<sup>149</sup>  
 somente a perna direita, até a coxa, do  
 sempre ajoelhado, sempre caído junto à Lira, 615  
 quem quer que seja ele, o obscuro dentre as figuras celestes,  
 pondo-se e do horizonte oposto se levantando  
 frequentemente na mesma noite o contemplamos<sup>150</sup>. Deste somente  
 a perna aparece com ambas as Garras,

145 Cilene é um monte da Arcádia; por isso, “Cilênio” é um epíteto de Hermes.

146 O Cisne, ou Pássaro, começa a desaparecer no horizonte pela asa da esquerda, a asa ocidental. A constelação do Cisne representa o pássaro planando com as asas abertas sobre nossas cabeças. Assim, uma asa está ao oriente, a outra ao ocidente, e ao centro está o corpo com a cauda. No seu ocaso, primeiro desaparece uma asa, a seguir a cauda, restando apenas uma asa aparente.

147 As patas traseiras, já que as dianteiras foram mencionadas em 595.

148 A Hidra é uma linha longa e ondulada de estrelas. A parte dela que agora aparece é a curva entre a Taça, que surgiu com a Virgem (602-3), e a cauda, que vai aparecer com Escorpião (661).

149 O verso 613, omitido de todas as edições modernas, é reconhecido como uma interpolação tardia desde Buhle (1793). O verso mencionava a constelação do Serpentário; Hiparco (2.2.45), por sua vez, observou que esta constelação também surge com Libra (Garras), fato que Arato teria ignorado e que teria dado ensejo a correções posteriormente acrescentadas ao texto. Veja-se Kidd (389) para uma discussão mais completa.

150 Por ser esta constelação vizinha do círculo polar, cumpre um trajeto curto sobre o horizonte. A este tipo de astro se chama *amphiphaneís* (“duplamente visíveis”, Dorda, 117). Kidd (391) explica que esta observação não seria possível senão durante poucas semanas de inverno, quando o Ajoelhado está mais próximo ao Sol e as noites são suficientemente longas.

mas ele mesmo, até a sua cabeça, voltado para uma outra direção<sup>151</sup>, 620  
ainda espera que se levantem Escorpião e o que estende o Arco<sup>152</sup>:  
de fato, estes carregam-no, o primeiro a cintura e tudo mais,  
já o Arco traz ao mesmo tempo sua mão esquerda e a cabeça.  
Assim, ele se move inteiramente em pedaços, em três partes,  
e à metade da Coroa e à ponta extrema da cauda 625  
do Centauro as Garras movem, quando sobem.  
Neste momento, atrás de sua cabeça já desaparecida põe-se o Cavalo<sup>153</sup>,  
e a extremidade da cauda da Ave, já ida antes, vai-lhe encarrilada<sup>154</sup>.  
E mergulha a cabeça de Andrômeda: o seu grande medo,  
a Baleia, ao opaco Noto impulsiona, mas Cefeu ele mesmo, 630  
na posição oposta em Bóreas, acena com a poderosa mão.  
Ela, voltada para trás, na direção da nadadeira caudal, até este ponto  
se põe, ao passo que Cefeu o faz com a cabeça, a mão e o ombro.  
As curvas do Rio, assim que avançar  
Escorpião, cairão no Oceano de fortes correntes, 635  
e ele, ao avançar, afugenta o grande Órion.  
Seja Ártemis benevolente! Afirmam os antigos que  
a arrastou pelo manto em Quios o forte Órion,  
quando todos os animais abatia com poderosa clava,  
buscando com a caça lá agraciar Enópion<sup>155</sup>. 640  
Mas ela imediatamente invocou contra ele outro animal,  
depois de abrir as colinas ao meio em cada lado da ilha:  
um Escorpião, que então o feriu e matou, embora fosse <Órion> gigantesco,  
mostrando-se maior, pois <Órion> ofendera a própria Ártemis.  
É por isso que dizem: quando aparece no horizonte 645  
Escorpião, Órion foge ao redor dos confins da Terra.  
O quanto <de estrelas> de Andrômeda e da Baleia havia restado  
não é ignorado enquanto aquele<sup>156</sup> ainda se levanta, mas elas também

151 O Ajoelhado, figura estelar que não recebe nome em Arato (daí o epíteto 'o obscuro', no v. 616), é também conhecido como a constelação de Hércules. Como essa constelação está com a "cabeça" virada em direção ao horizonte, surgem primeiro as estrelas que representam suas pernas, em conjunção com a constelação de Libra; a seguir, as que representam a parte intermediária do corpo, em conjunção com Escorpião; finalmente, as que representam a cabeça e a mão esquerda em conjunção com Sagitário, segundo diz Arato nos vv. 622-3.

152 Isto é, Sagitário.

153 A cabeça e o pescoço do Cavalo já haviam submergido quando a Virgem surgiu; cf. 601.

154 No v. 599, desapareceram a asa esquerda e a cauda da Ave.

155 Em algumas narrativas, Enópion é pai adotivo de Órion, e é sua mãe adotiva que é violentada. Na versão de Arato, a relação entre eles é amistosa e, para ganhar seu favor, Órion realiza suas caçadas que irritam Ártemis. Enópion (em grego *Oinópiion*, "bebedor de vinho") foi o introdutor do vinho na Ilha de Quios.

156 Escorpião.

fogem completamente. Nesse momento, Cefeu com sua cintura  
roça a Terra, afundando no Oceano todas as estrelas da cabeça; 650  
mas as demais – pés, joelho, quadril – não lhe é permitido <afundar>,  
pois as próprias Ursas o impedem.  
E se apressa atrás da imagem de sua filha ela mesma,  
a infeliz Cassiopeia; porém não mais com decoro suas partes  
aparecem fora do trono, os pés e os joelhos apontam para cima<sup>157</sup>, 655  
mas, igual a uma acrobata, ela mergulha de cabeça,  
com seu quinhão de sofrimentos, pois não havia ela  
de ser comparada a Dóris e Pánope<sup>158</sup> sem maiores consequências.  
Assim ela é levada para o outro horizonte<sup>159</sup>. Outras, porém, que vêm de baixo,  
<a ela> opõe o céu: o segundo ciclo da Coroa<sup>160</sup> 660  
e a última parte da Hidra, e traz também do Centauro  
o corpo e a cabeça<sup>161</sup>, e a Fera que o Centauro tem na  
mão direita. Ali mesmo esperam  
pelo Arco que avança os pés anteriores do cavaleiro-fera.  
Com o Arco avançando, a espiral da Serpente e o corpo do Serpentário 665  
se levantam; as suas cabeças o próprio Escorpião  
traz quando surge, e ele ergue as mãos  
do Serpentário e a primeira dobra da multiestrelada Serpente.  
Do que está de joelhos (pois sempre ao inverso  
se levanta) nesse momento outras partes emergem da borda<sup>162</sup>, 670  
as pernas, a cintura, todo o peito e o ombro  
direito acompanhado da mão; a cabeça, porém, junto com a outra mão  
sobe com o Arco e com o Arqueiro aparecendo.  
Com estes, a Lira de Hermes e Cefeu  
até o peito cruzam o Oceano no oriente, 675  
quando todos os fulgores do grande Cão  
também se põem, e todas as partes de Órion descem,

157 A cabeça de Cassiopeia é a sua estrela mais ao sul. Vista no hemisfério norte, a figura está de cabeça para baixo, e nessa posição ela gira de nordeste. “Eurípidas e Sófocles e muitos outros disseram dela que se vangloriava que excedia as Nereidas em beleza. Por isso, foi posta entre as constelações sentada em uma cadeira. Devido à sua impiedade, na medida em que o céu gira, ela parece ser levada junto deitada sobre as costas” (Higino, 2.10).

158 Dóris, filha de Oceano e esposa de Nereu, é mãe das belas Nereidas com quem Cassiopeia rivalizava; essa disputa de beleza causou a desgraça de seu país (cf. Hesíodo, *Teogonia* 188-204; 240). Pánope é uma das cinquenta filhas de Nereu (Hesíodo, *Teogonia* 250).

159 O movimento aparente dos astros no céu, assim como o movimento do Sol, é determinado pelos movimentos de rotação da Terra em torno do Sol. Assim, as constelações “surgem” no leste e se põem no oeste. O “outro horizonte” mencionado é o oeste.

160 A primeira parte da Coroa surgiu com as Garras (Libra; v. 625).

161 Somente a ponta da cauda do Centauro havia aparecido com as Garras (v. 625); as pernas anteriores aparecerão com o Arco (Sagitário; v 664).

162 Oriental.



e todas as partes da Lebre incessantemente perseguida.  
 Mas, com o Cocheiro, nem os Cabritos nem a Cabra Olênia<sup>163</sup>  
 de imediato desaparecem: ao longo do seu extenso braço 680  
 ainda brilham, e <seu braço> se distingue dos seus outros membros  
 para provocar tempestades, quando estão em conjunção com o Sol.  
 Porém sua a cabeça, o outro braço e a cintura, estes,  
 Capricórnio ascendente depõe, mas toda metade inferior  
 tem seu ocaso com o Arqueiro<sup>164</sup>. Já nem Perseu, 685  
 nem os altos<sup>165</sup> da Argo<sup>166</sup> multiestrelada<sup>167</sup> se demoram;  
 Perseu mesmo, com exceção do joelho e do pé direito,  
 oculta-se, bem como a nau, até o arco da popa.  
 Esta tem seu ocaso ao despontar do Arqueiro,  
 quando também Prócion oculta-se, porém elevam-se 690  
 outras: a Ave, a Águia e as estrelas da voadora  
 Flecha, bem como o posto sagrado<sup>168</sup> do Altar austral.  
 O Cavallo, quando reponta do centro do Aguadeiro,  
 volve ao alto as patas e a cabeça. Do lado oposto,  
 a Noite constelada puxa o Centauro pela cauda<sup>169</sup>, 695  
 mas não consegue acomodar sua cabeça<sup>170</sup>, nem ainda  
 os largos ombros<sup>171</sup> e a couraça; da rutilante Hidra,  
 porém, depõe o volteio do pescoço e toda a frente.  
 Grande parte dela permanece para trás; sem demora, porém,  
 enquanto despontam os Peixes, a Noite engole a ela 700

163 Cf. vv. 156-8 e 164.

164 Em outras palavras, observa-se no poente o ocaso do Cocheiro ao mesmo tempo em que surgem, no nascente, primeiro o Capricórnio e, logo após, o Sagitário.

165 No grego, *ákra kórymba*, a porção mais alta da nau. Arato provavelmente faz referência a Homero, que usa essa expressão uma única vez (*Iliada* 9, 241).

166 A constelação da Argo aparecia na primavera para os observadores mediterrâneos, rente ao horizonte sul. Com o passar dos meses, a Argo deslocava-se gradualmente para oeste, tal como no mito dos argonautas, que navegavam rumo à Cólquida, no oeste. Hoje esse movimento não é mais visível do Mediterrâneo, pois a precessão dos equinócios deslocou as estrelas da Argo ainda mais para o sul, deixando muitas delas abaixo do horizonte.

167 A constelação da Argo é especialmente rica em estrelas porque contém um segmento da Via Láctea.

168 No grego, *hieròs hédrē* (sagrado posto ou assento). Trata-se, possivelmente, de uma imitação de Hesíodo (*Os Trabalhos e os Dias* 597 e 805), que utiliza *hieròn aktēn* (sagrado cereal) na mesma posição métrica.

169 Na imagem que Arato nos pinta, a Noite está tentando arrastar o Centauro para baixo do horizonte, do lado do poente (isto é, do lado oposto ao do Cavallo, que está surgindo no horizonte leste).

170 Com efeito, algo cômico, a Noite não encontra espaço suficiente para acomodar debaixo da terra todo o Centauro. Arato está imitando um trecho de Homero (*Iliada* 14, 33-34) que descreve a falta de espaço para acomodar as naus na praia.

171 No grego, *euréas ómous* ("largos ombros"), um epíteto puramente literário, recorrente em Homero na mesma posição métrica (*Iliada* 3, 210; 3, 227; 16, 360; *Odisseia* 22, 488).

e ao Centauro mesmo, inteiros<sup>172</sup>. Vem com os Peixes  
aquele Peixe que jaz sob o obscuro Capricórnio<sup>173</sup>,  
mas não plenamente: uma parte pequena aguarda o signo seguinte.  
Bem assim os joelhos, os ombros e as tristes mãos<sup>174</sup>  
de Andrômeda se estendem, divididos: uns adiantados, 705  
outros atrás<sup>175</sup>, quando acabam de sair do Oceano  
os dois Peixes<sup>176</sup>, estes puxam para fora<sup>177</sup> as estrelas  
da destra, ao passo que as da canhota, puxa-as  
o Carneiro ao elevar-se. Enquanto ele repontar,  
tu verás no poente o Altar e, do outro lado<sup>178</sup>, 710  
a cabeça e os ombros de Perseu, que desponta.  
É duvidoso se o cinturão mesmo surge  
quando o Carneiro termina <de surgir>, ou se com Touro<sup>179</sup>,  
com o qual volve inteiro ao alto. Tampouco o Cocheiro  
se deixa ficar, enquanto Touro desponta, pois este 715  
vem bem unido àquele; todavia, não desponta inteiro,  
mas só em parte: os Gêmeos é que o trazem completo<sup>180</sup>.  
A palma do pé esquerdo e os Cabritos, com a Cabra,  
trazem consigo o Touro, ao despontarem no horizonte  
o dorso<sup>181</sup> e a cauda do Baleia celestial. 720  
Em tal momento, Artofilace já submerge, com o primeiro  
dos quatro signos que o depõem, exceto pela mão  
canhota: ali, sob a Ursa Maior, ela cumpre seu curso.<sup>182</sup>

172 Em outras palavras, os ocasos da Hidra e do Centauro apenas se completam quando os Peixes se levantam.

173 Isto é, a constelação do Peixe Austral, diversa da constelação zodiacal de Peixes. O Peixe Austral situa-se ao sul do Capricórnio na esfera celeste.

174 As mãos de Andrômeda evocam especial tristeza, pois estão acorrentadas para que seja sacrificada.

175 Arato refere-se às metades esquerda e direita do corpo de Andrômeda. Uma das metades surge antes da outra no horizonte.

176 A constelação de Andrômeda é adjacente aos Peixes, pelo norte destes.

177 Isto é, puxam as estrelas para cima da linha do horizonte, fazendo-as surgir.

178 No oriente.

179 A constelação de Perseu é contígua, pelo norte, às constelações zodiacais do Carneiro e do Touro. Por essa razão, durante o intervalo de tempo em que se levantam no horizonte, sucessivamente, o Carneiro e o Touro, também Perseu está surgindo. A dúvida levantada por Arato é se o cinturão de Perseu surge quando o Carneiro está terminando de surgir, ou se isso ocorre alguns minutos mais tarde, já com a ascensão do Touro.

180 A constelação do Cocheiro, ou Auriga, é contígua, pelo norte, às constelações do Touro e dos Gêmeos. Seu surgimento no horizonte se dá de modo análogo à de Perseu em relação às do Carneiro e do Touro.

181 No grego, *lophiē*, que também pode significar juba, crina ou outra pelagem dorsal, ou ainda a nadadeira dorsal de animais aquáticos.

182 A mão canhota é a única parte do Boieiro que fica perto o bastante do polo norte celeste para



doze signos. Quanto aos limites que se colocam pelo grande ano<sup>191</sup>,  
a estação de arar os campos e a estação de plantar,  
eles se acham em toda parte manifestos, por obra de Zeus<sup>192</sup>.  
Um homem em sua nau também pode precaver-se  
contra o tormentoso<sup>193</sup> inverno observando Arcturo<sup>194</sup>, 745  
estrela terrível, ou alguma das que o Oceano exala<sup>195</sup>,  
quer ao clarear do dia, quer à primeira hora da noite.  
Pois deveras, ao longo do ano, o Sol galga-as todas<sup>196</sup>,  
arando grande faixa, e vai batendo uma de cada vez,  
primeiro ao subir, de novo mais tarde ao mergulhar: 750  
assim, cada estrela contempla uma alvorada diversa<sup>197</sup>.  
Tu também sabes disso, pois já se concelebram  
os dezenove circuitos do Sol resplandecente<sup>198</sup>,  
e tudo que a noite faz girar, desde o cinturão  
até os limites de Órion e seu bravo Cão; 755

---

surgimento.

- 191 Invertendo o procedimento descrito na nota acima, pode-se determinar a época do ano em que se está: observam-se as estrelas que se sobem ao clarear do dia. Esse dado nos informa qual é o trecho do zodíaco que sobe com o Sol, isto é, a posição do Sol no zodíaco. Com essa informação, pode-se deduzir precisamente onde, dentro do ciclo do ano, situa-se o momento atual. Neste verso, Arato imita Hesíodo (*Teogonia* 799). O ano é adjetivado como “grande” por comparação com a noite, muito mais breve.
- 192 Arato recapitula os versos iniciais do poema, em especial a mensagem estoica dos vv. 10-13.
- 193 Arato aplica o adjetivo épico *polyklustos* (tempestuoso, tormentoso) a *kheimón*, palavra que tanto pode designar o inverno como uma tempestade. Em Homero (*Odisseia* 4, 354; 6, 204; 19, 277) e Hesíodo (*Teogonia* 189), *polyklustos* qualifica normalmente o mar.
- 194 Arato refere-se ao uso de Arcturo para demarcar um ponto no calendário. Provavelmente tem em mente a data em que Arcturo se levanta ao clarear do dia, pois essa efeméride assinalava o equinócio de outono e o término da época de tempo bom para navegação. Também é possível que Arato tivesse em mente a data em que Arcturo se põe ao entardecer, no final de outubro, pouco antes do início do inverno.
- 195 Com *aryontai*, Arato faz possível referência a Hesíodo (*Os Trabalhos e os Dias* 550). Este verbo se aplica principalmente a líquidos que são retirados de um recipiente. Hesíodo, na passagem, descreve a neblina da madrugada como umidade que os rios exalam; Arato, por sua vez, transfere essa noção às estrelas que se levantam do oceano.
- 196 Referência ao movimento anual do Sol ao longo do zodíaco. Arato emprega *ameíbetai* verbo que, nesta posição do verso, remete ao trecho de Homero (*Iliada* 15, 683-684) em que um ginete exímio, em meio a vários cavalos em movimento, vai saltando de um a outro. Com isso, a descrição do movimento anual do Sol ganha contornos heroicos. A referência a Homero se confirma no verso seguinte com *állote d' álloi* (cada vez, uma, i.e. uma estrela de cada vez).
- 197 Em outras palavras, para cada estrela há um momento específico do ano em que ela surge ao clarear do dia.
- 198 Referência ao ciclo de 19 anos atribuído a Méton, que harmonizava os calendários lunar e solar. O ano solar não corresponde a um número inteiro de meses lunares, de modo que a cada ano os meses lunares se repetem em alturas diferentes do ano. O problema que se colocava, então, era o de estabelecer um período de tempo que contivesse, exatamente, um número inteiro tanto de anos como de meses lunares. Não é possível dar uma solução exata a esse problema, mas o ciclo de Méton constitui uma boa aproximação. Esse ciclo consta de 235 meses, dos quais sete são intercalares, dispostos ao longo de 19 anos.

e as estrelas que se veem na morada de Posêidon<sup>199</sup>,  
ou na do próprio Zeus<sup>200</sup>, dão indícios exatos aos homens<sup>201</sup>.  
Aplica-te a estes estudos. Se porventura te confiáres  
a um navio, trata de descobrir os sinais que auguram  
ventos de tempestade ou um furacão no mar. 760  
O esforço é pequeno, e infinitas vantagens decorrem  
da sabença<sup>202</sup> para o homem sempre precavido.  
Primeiro, ele mesmo fica mais a salvo; ademais, ao advertir  
seu próximo, auxilia-o quando uma tormenta se avizinha.  
Dá-se com frequência que, em noite de calma, alguém 765  
busca proteger sua nau, temeroso do mar ao alvorecer:  
o mal irrompe por vezes no terceiro dia, por vezes no quinto  
e por vezes, ainda, advém inesperado. Pois os sinais todos  
de Zeus nós humanos ainda não conhecemos, mas muitos  
ainda permanecem ocultos, os quais, se Zeus desejar, os ofertará 770  
de pronto: ele sem dúvida manifestamente beneficia a raça dos homens,  
visível que está em todos os lugares, revelando seus sinais em toda parte.  
Alguns desses te anunciará a Lua, por exemplo, quando dividida pela metade  
de qualquer dos lados de sua plenitude, ou quando novamente plena;  
e outros <dirá> o Sol, ao levantar-se ou ao aconselhar no limiar da noite; 775  
E haverá para ti outros sinais mais, de origens também outras,  
para serem considerados durante a noite ou durante o dia.  
Observa primeiro a Lua, ambos os seus cornos<sup>203</sup>.  
Ora, pois, o anoitecer a pinta com luz variegada,  
ora formas diferentes adornam com cornos<sup>204</sup> a Lua 780  
logo que ela está crescendo – algumas formas mostram-se no terceiro dia, outras no quarto:  
a partir delas tu aprenderias sobre o mês que se descortina.  
Delicada<sup>205</sup> e imaculada ao terceiro dia estando,

199 No oceano, isto é, as estrelas abaixo do horizonte.

200 No céu, acima do horizonte.

201 Aqui se encerra a seção sobre o mês e o ano. A próxima seção do poema trata de sinais meteorológicos.

202 Trata-se da *epiphrosýnē*. No contexto dos perigos do mar, a palavra aparece em Homero (*Odisseia* 5, 437) para denotar uma ideia inculcada por Atena na mente de Odisseu. Neste verso de Arato, é uma habilidade a ser adquirida.

203 Os cornos são as pontas da lua em suas fases crescente e minguante.

204 Traduz o verbo raro *kerân*, literalmente “formar cornos”. É um modo ousado de descrever as variações nas formas das pontas da Lua crescente.

205 “Delicada”, neste verso e no seguinte, traduz *lepté*, uma palavra que expressa um conceito central introduzido pela teoria poética de Calímaco na tradição literária (*leptótēs*), ao qual se opõe a “grandiosidade” (*semmótēs*). Note-se ainda que os vv. 783-787 formam um acróstico: a palavra inicial de 783 é *lepté*, que é também a palavra formada pelas iniciais dos versos seguintes. O acróstico foi notado inicialmente por J.M. Jacques, “Sur un acrostiche d’Aratos (*Phén.* 783-787)”, *Revue d’Études Anciennes*, 62, 1960, 48-61.

bonança haverá; delicada, mas de acentuado rubor, é arauto  
 de ventos; por fim, mais espessa e com os cornos menos nítidos 785  
 no quarto dia, exibindo desde o terceiro luz evanescente,  
 perde a nitidez por obra do Noto ou de chuva que se avizinha.  
 Entretanto, se, ao trazer o terceiro dia, a partir de ambos os cornos,  
 ela não se inclinar em assentimento nem tampouco brilhar recostando-se<sup>206</sup>,  
 mas seus cornos se curvarem simetricamente em cada lado<sup>207</sup>, 790  
 ventos ocidentais chegarão após essa noite.  
 Mas se no quarto dia ela ainda se mantiver assim, simétrica,  
 indicará – sem sombra e dúvida<sup>208</sup> – uma tempestade iminente;  
 mas se o mais elevado dos seus cornos se curva bem,  
 espera vento boreal; quando se recosta, porém, vento nócio. 795  
 Entretanto, se o contorno de um círculo inteiro<sup>209</sup> envolvê-la no terceiro dia,  
 tingindo-a toda de rubro, faz-se então a Lua um arauto tempestuoso:  
 e tão maior será a tempestade quanto mais flamejante for o seu rubor.  
 Observa-a na plenitude e também dividida em duas partes<sup>210</sup>,  
 tanto quando crescente, quanto quando torna a ter cornos. 800  
 E julga por sua cor <o tempo> para cada mês:  
 inteiramente límpida, poderia julgar haver bonança,  
 inteiramente<sup>211</sup> enrubescida, porém, crê em caminhos de ventos<sup>212</sup>,

206 Os verbos *epineustázō* e *hypitiāō* significam, respectivamente, “inclinarse para frente” e “inclinarse para trás”, sendo dois *hápax* na literatura grega que só ocorrem nos versos 789 e 795 do poema de Arato. Homero emprega *epineúō* para descrever o movimento de assentimento feito com a cabeça, uso que não é distante da descrição metafórica da Lua dotada de cornos empregada por Arato; cf. Kidd, 449-450.

207 Kidd (449) enfatiza a dificuldade dos tradutores com esse verso: a oração *orthai hekáterthe perignámpptōsi keraiaí*, literalmente “os cornos curvam-se retos”, descreve a curvatura das duas pontas da Lua crescente quando estão simétricas, isto é, quando não há maior projeção de uma das duas pontas; nessa posição, as duas pontas alinham-se de modo perpendicular ao horizonte (*orthai*).

208 Kidd (449-450) realça o caráter marcadamente afirmativo que resulta da junção das *partículas hē e te*. Para as dificuldades dessa junção, ver Denniston, *Greek Particles*, Oxford, OUP, 1950, 532.

209 Kidd (450-451) menciona a tendência predominante, dentre as interpretações do que seria o círculo mencionado nesse verso, de enxergar ali a referência aos halos. O autor questiona essa interpretação, citando o fato de que Arato trata dos halos que circundam a Lua nos versos seguintes (811-817), nos quais se refere aos mesmos por seu nome específico (*alōai*), de modo que seria improvável que antecipasse o tema alguns versos antes pelo emprego de um nome tão genérico quanto *kyklos*. Sua explicação para o círculo é que se trata do próprio disco lunar durante o fenômeno chamado luz cinérea: ele é causado pelo reflexo da luz solar sobre a Lua, que deixa visível a parte do disco que está escura durante a Lua crescente.

210 Isto é, nas fases crescente e minguante, conforme o verso seguinte, que apenas alude ao quarto minguante ao contrapor a fase crescente àquela em que a lua volta a desenvolver cornos.

211 Parece haver uma espécie de acróstico entre os vv. 803 e 806. A primeira palavra do v. 803 é *pánta*; na sequência, as letras iniciais formam *pása*. Note-se ainda que o v. 802 se inicia com o advérbio *pántē*. Veja-se W. Levitan, “Plexed artistry: Aratean acrostics”, *Glyph*, 5, 1979, 55-68.

212 Kidd (452-453) destaca que a direção dos ventos não é um dado relevante nesse verso, mas apenas uma elaboração poética do seu advento.

e enegrecendo aqui e acolá, espera chuva.  
 Todavia, os sinais não se apresentam todos a ti todos os dias: 805  
 mas aqueles que aparecem no terceiro e no quarto dias valem  
 até a meia-lua, e os da meia-lua valem até que ela alcance  
 a plenitude, e outros valem desde a plenitude  
 até o quarto minguante; e se segue <o período> dos quatro dias  
 do mês que vai até o terceiro dia do que se descortina. 810  
 Se halos a circundarem por completo,  
 sejam três ou dois que a circulem, ou mesmo um único:  
 caso seja um único, espera vento ou calmaria,  
 com <halo> cindido vento, com <halo> evanescente calmaria;  
 sendo dois a circundar a Lua, é sinal de tempestade, 815  
 e tempestade intensa trará um halo triplo,  
 e ainda mais se estiver negro, e ainda maior quando cindido.  
 Eis, então, as lições que aprenderias da Lua a respeito do mês.  
 Preocupa-te também com o Sol que avança de um lado para o outro<sup>213</sup>,  
 pois é no Sol que há sinais mais verossímeis, 820  
 tanto quando mergulha, quanto quando levanta-se acima do horizonte.  
 Que não esteja colorido seu disco, quando ele raiar pela primeira vez sobre o solo,  
 quando tiveres tu anseio por um dia de bonança!  
 Nem porte marca alguma, mas mostre-se todo límpido.  
 E se a hora de dar ao gado descanso<sup>214</sup> o encontra igualmente imaculado<sup>215</sup>, 825  
 e ele sem nuvem se põe ao anoitecer com brilho gentil,  
 com o advento do alvorecer ainda estará calmo;  
 não será assim, porém, quando parecer côncavo<sup>216</sup> ao erguer-se,  
 tampouco quando alguns de seus raios apontem para Noto e outros para Bóreas,  
 em dispersão<sup>217</sup> fracionada desde o meio cintilante: 830  
 pode ser que atravesse chuva forte ou vento.  
 Mas observa, se os raios do Sol te permitirem,  
 o próprio Sol, pois essa é de fato a melhor observação,  
 para ver se o cobre algum rubor – como com frequência,

213 Isto é, do leste para o oeste.

214 Traduz *boulýsios hōrē*, literalmente “a hora de soltar o boi”. O adjetivo *boulýsios* é cunhado por Arato e suas duas únicas ocorrências na literatura grega são aqui e no verso 1119.

215 Note-se o paralelo meteorológico e poético entre o Sol “imaculado” (*katharón*, 825) e a Lua “imaculada” (*katharē*, 783) como sinais de tempo bom. Esse paralelismo é representado ritmicamente também, pois os adjetivos ocupam nos dois versos a mesma posição.

216 Kidd (462) explica a concavidade do disco solar como a impressão do observador de que há um buraco no núcleo do disco, quando ele enxerga ali uma mancha escura. O uso do participio *eidōmenos* (“aparentando”) indica que se trata de uma ilusão de ótica.

217 A dispersão fracionada dos raios solares, isto é, restrita a direções específicas (sul e norte, por exemplo, como no verso anterior), decorre da presença de nuvens que obscurecem a dispersão dos raios por todo o espectro das direções desde o núcleo.

quando vêm as nuvens, ele se enrubesce aqui e ali –	835
ou se ele se torna escurecido em algum ponto: que este seja para ti sinal de chuva iminente, e rubor inteiro <seja sinal> de vento. E caso esteja tingido simultaneamente das duas cores, ele portará chuva e avançará com ventos.	
E se, quando ele se levanta ou no momento em que se põe, os seus raios se congregarem e se juntarem em um único ponto <sup>218</sup> ,	840
ou ainda, quando cercado de nuvens, for da noite para o alvorecer ou, ao contrário, do alvorecer para a noite, em tais dias o Sol correrá com trombas d'água.	
E jamais – na ocasião em que lhe anteceda <sup>219</sup> uma pequena nuvem emergente, depois da qual ele próprio apareça carente de raios –	845
desprezes tal alerta de chuva! Ademais, quando um grande círculo de nuvens <sup>220</sup> alargar-se <sup>221</sup> ao redor dele, como se estivesse derretendo, quando ele primeiramente nasce, para a pequenar-se em seguida, <o Sol> passará em bonança, e assim também mesmo quando no inverno	850
ele pálido se puser. Mas, havendo chuva diurna, observa com atenção depois as nuvens, voltado para a direção do Sol poente.	
Se uma nuvem de aspecto escuro ensombrecer o Sol, e os raios dele ao redor dela aqui e ali	855
se dividirem, girando no meio <sup>222</sup> , então ainda precisarás de abrigo na aurora.	
Mas se ele, sem nuvens, mergulhar na correnteza ocidental, e se as nuvens, quando ele se abaixa e depois de ido, próximas se mantêm vermelhas, não há necessidade de muito	860

218 Kidd (466-467) sugere que a concentração dos raios solares em um ponto específico não se dá pela convergência dos raios em direção a algum ponto, mas porque ocorre que seja esse o único ponto que o observador consegue ver do Sol em um momento no qual ele está encoberto por muitas nuvens.

219 A anterioridade sugerida no verso não é espacial – a nuvem não está “na frente” do sol –, mas temporal e refere-se à percepção de quem observa o Sol nascer: a nuvem, no caso, lhe aparece antes do Sol prestes a nascer (Kidd, 467).

220 O verso, ao mencionar um “grande círculo” (*polys kýklos*), não é explícito em afirmar que ele é constituído de nuvens. É a contraposição entre o adjetivo *polys*, que qualifica o círculo, e o adjetivo *oligē*, que no v. 845 qualifica a nuvem, que evidencia a quase identidade de referência dos adjetivos.

221 Há uma imagem interessante no verso: a expansão do círculo de nuvens é simultânea ao desfazer-se do próprio círculo, pois as nuvens passam a se afastar umas das outras, o que alarga o círculo, num primeiro momento, mas acaba por desmanchá-lo em seguida. Kidd (468) sugere que o uso do subjuntivo *euryñētai*, com quatro sílabas longas, transmite o caráter vagaroso desse processo, quando o verso é recitado.

222 Não é imediatamente claro o que gira neste verso; visto que os raios estariam centralizados, e as nuvens não circundam o Sol nem fazem movimentos circulares, é mais fácil compreender a imagem como referindo-se ao movimento do céu (estrelas) em direção ao oeste.



temeres a chuva no dia seguinte, nem durante a noite;  
mas a há quando os raios do Sol, parecendo desaparecer,  
de modo repentino se estendem a partir do céu,  
assim como enfraquecem quando a Lua os ensombrece  
colocando-se em linha reta entre a Terra e o Sol<sup>223</sup>. 865

E quando, com <o Sol> detendo-se para brilhar antes da aurora,  
surgem nuvens avermelhadas aqui e lá,  
não ficam os campos sem água nesse dia.  
Do mesmo modo, estando <o Sol> ainda no limite <do Oceano>  
quando seus raios estendidos se mostram sombrios antes da aurora, 870  
não deixes de notar que água ou vento hão de se precipitar.  
Mas se forem mais para a escuridão aqueles  
raios, mais chuva indicarão:  
mas, se uma breve escuridão rodear os raios,  
tal como nuvens amenas sobretudo muitas vezes carregam, 875  
então se escurecerão com a chegada do vento.  
Nem halos escuros próximos do Sol  
<indicam> bom tempo: mais perto e escurecendo  
mais, são mais anunciadores de tempestade, e se houver dois, mais violentas serão.  
E observa, quando o Sol está subindo ou se pondo, 880  
se as nuvens dele que são chamadas parélias<sup>224</sup> estão vermelhas  
no Noto ou em Bóreas ou dos dois lados,  
e não faças essa observação assim vagamente.  
Pois, quando aquelas nuvens<sup>225</sup> detêm o Sol entre si,  
dos dois lados e ao mesmo tempo, próximas do Oceano, 885  
não há demora da tempestade vindoura de Zeus;  
contudo, se uma só <nuvem> em Bóreas se avermelhar,  
trará brisas de Bóreas, e do Noto se no Noto,  
ou ainda gotas de chuva podem cair.  
E presta mais atenção nesses sinais no Héspero: 890  
pois no Héspero juntas <as parélias> sinalizam sempre com constância.  
Observa também a Manjedoura<sup>226</sup>: semelhante a uma pequena  
névoa, para Bóreas conduz <o ano> sob a proteção do Caranguejo<sup>227</sup>.  
E ao redor dela se movem duas estrelas brilhando

223 Isto é, num eclipse solar.

224 Trata-se de um fenômeno meteorológico de tipo luminoso que consiste em um círculo no qual se podem observar várias imagens do Sol refletidas nas nuvens.

225 As parélias.

226 A Manjedoura é um aglomerado de estrelas visível como uma pequena mancha nebulosa localizada no meio da constelação de Câncer.

227 Seguimos a interpretação que Kidd (481) dá a este verso, cujo sentido é muito disputado.

fracas, nem muito afastadas, nem muito próximas, 895  
mas quase tão longe quanto o comprimento de um côvado:  
uma vem de Bóreas, outra avança no Noto.  
Elas são chamadas Asnos<sup>228</sup>, e no meio está a Manjedoura.  
E se de repente, quando Zeus é bonança<sup>229</sup> inteiramente,  
ela torna-se oculta por completo, e as estrelas que vão de ambos os lados 900  
parecem bem próximas umas das outras<sup>230</sup>,  
então os campos são banhados por uma não pequena tempestade.  
Mas se <a Manjedoura> escurecer, e ao mesmo tempo forem aparentes  
as duas estrelas, assinalarão chuva.  
Mas se <o Asno> no Bóreas da Manjedoura brilhar fracamente, 905  
obscurecendo-se sutilmente, e o Asno em Noto estiver brilhante,  
espera o vento de Noto; e <vento> de Bóreas debes sem dúvida  
esperar quando a que se obscurece e a que brilha são ao contrário<sup>231</sup>.  
E sejam para ti sinal de vento o mar ondulando  
e as praias ressoando longe, 910  
e as falésias ecoando quando houver bonança,  
e os altos cimos das montanhas bradando.  
E quando uma garça com voo desordenado para terra seca  
do mar vier gazeando muitos gritos,  
ela se moverá <vindo> do vento que se agita sobre o mar. 915  
E, às vezes, quando também petréis voarem na bonança,  
é que se movem em bando contra ventos iminentes.  
E muitas vezes patos selvagens ou gaivotas que mergulham no mar  
batem na terra com as asas<sup>232</sup>,  
ou uma nuvem se alonga nos cumes de uma montanha. 920  
E também as penugens, velhice do branco cardo<sup>233</sup>,  
já foram sinal de vento, quando em grande quantidade  
na superfície do mar mudo<sup>234</sup> flutuavam, algumas antes, outras depois.  
E de onde vêm no verão os trovões e os relâmpagos,  
de lá observa a chegada do vento. 925

228 Essas duas estrelinhas da constelação de Câncer são também conhecidas como os olhos do Caranguejo.

229 Isto é, o céu.

230 O desaparecimento da Manjedoura cria a ilusão de que as duas estrelas estão mais próximas.

231 Quando o Asno do sul está opaco e do norte está brilhante.

232 O comportamento não natural das aves marinhas é sinal de mau tempo.

233 O cardo é o nome genérico de uma espécie de plantas que produz uma de penugem branca assemelhada às cãs de um ancião.

234 Ou seja, mar calmo com poucas ondas.

E durante a noite escura, quando as estrelas se precipitarem<sup>235</sup>  
frequentemente, e atrás delas as caudas se tornarem esbranquiçadas<sup>236</sup>,  
espera vento vindo no mesmo caminho que elas;  
e se outras se lançarem na direção contrária,  
e outras <vêm> de outras partes, então te previne 930  
contra ventos de todos os lados, pois são máxime indiscerníveis,  
e sopram de modo indiscernível para os homens emitirem juízos <sobre o tempo>.  
Porém, quando vêm relâmpagos de Euro e de Noto,  
e ora de Zéfiro, ora por Bóreas,  
é então que um nauta em alto mar teme 935  
pegá-lo de um lado o mar e de outro a água de Zeus<sup>237</sup>:  
pois com a água vêm numerosos raios por toda a parte.  
Amiúde, quando as chuvas se aproximam, primeiro  
surgem nuvens muito semelhantes à lâ<sup>238</sup>,  
ou um arco-íris duplo cinge o céu vasto<sup>239</sup>, 940  
ou, às vezes, também uma estrela tem halo escurecido.  
Amiúde, aves lacustres ou marinhas<sup>240</sup>  
banham-se avidamente, mergulhando nas águas,  
ou em torno do lago andorinhas adejam por muito tempo  
batendo a barriga na água, que começa a ondear, 945  
ou aquelas mui infelizes progênies, alimento de cobras d'água,  
pais de girinos<sup>241</sup>, da água mesmo bradam,  
ou solitário sapo<sup>242</sup> coaxa ao romper da aurora,  
ou, talvez, um corvo gralhador se enfie sob  
a onda que chega na orla saliente 950  
ou afunde-se em um rio da cabeça até a ponta  
dos ombros, ou talvez até mergulhe por completo,

235 Estrelas cadentes (meteoros).

236 Trata-se do efeito que causam os cometas ou os meteoritos incandescentes na parte alta da atmosfera.

237 A "água de Zeus" é a chuva. Assim, o contraste fica nítido e a imagem se revela poderosa: o solitário marinheiro em alto mar teme ser encoberto pela fúria de águas vindas de todas as direções: o mar turbulento sob ele e a "água de Zeus", a chuva, que vem de cima.

238 Arato refere-se aos cirros, nuvens muito finas que se formam a grandes altitudes, prenunciando a chuva..

239 O duplo arco-íris, observa Kidd (493), é um sinal de chuva muito antigo, já referido em poemas homéricos. Trata-se da formação de um segundo arco-íris, mais fraco e com as cores invertidas, fora do primeiro.

240 Do v. 942 ao 954, Arato se detém nos sinais de chuva trazidos por animais marinhos ou que vivem próximos às águas.

241 As rãs.

242 *Olohygón* significa, literalmente, "aquele que emite um grito agudo". É geralmente usado para designar a voz de alguns animais, e está especialmente associado ao grito de acasalamento dos sapos.

ou dê voltas perto da água, com rouco crocitar.  
 E os bois, logo antes de cair a água celeste<sup>243</sup>,  
 erguem os olhos para o céu e sentem o cheiro do ar; 955  
 de suas ocas côncavas, as formigas trazem todos os seus ovos  
 rapidamente à superfície<sup>244</sup>; são vistas centopeias  
 rastejando em grande número pelas paredes e vermes vagando,  
 aquelas a que os homens chamam entranhas da terra negra.  
 Também as aves domésticas, que nasceram do galo, 960  
 livram-se bem dos piolhos e cacarejam com alta voz  
 como ressoa gotejante água seguidamente caindo.  
 Às vezes proles de corvos e greis de gralhas também  
 são sinais da água que vêm de junto de Zeus<sup>245</sup>,  
 quando surgem em bando e guincham como 965  
 gaviões. Talvez os corvos também imitem  
 com a voz<sup>246</sup> as gotas celestiais, quando a água começa a cair,  
 ou às vezes, depois de crocitar duas vezes com voz grave,  
 estrilem alto agitando espessas<sup>247</sup> asas.  
 Também os patos da casa e as gralhas sob o teto 970  
 vão à cimalha e agitam as asas,  
 ou a garça se lança sobre a onda, com grito estridulo.  
 Nenhum desses sinais seja descartável a quem quer se precaver  
 da chuva, nem se mais do que outrora  
 moscas morderem e desejem sangue<sup>248</sup>, 975  
 ou se bolores se juntarem em volta do pavio da lâmpada  
 na noite úmida; nem se durante o inverno  
 ora a luz das lâmpadas se elevar em ordem<sup>249</sup>,  
 ora as chamas chisparem como ligeiras

243 A partir deste verso (955) e até o verso 972, o poeta tratará de animais da terra.

244 Dorda (134) observa que os escólios antigos já traziam a explicação desta passagem: enquanto a temperatura externa cai, a temperatura sob a terra aumenta, o que faz com que as formigas levem seus ovos para fora.

245 O original conserva uma ambiguidade que não pode ser mantida na tradução: “de junto de Zeus” pode ser um adjunto adnominal tanto de “sinais” (os sinais são enviados por Zeus) como de “água” (a chuva que cai do céu é obra de Zeus; veja-se o verso 936).

246 Kidd (509) observa o uso reiterado de *phōnē* (“voz”) nesta passagem (nos vv. 961, 967 e 968) e sugere que o emprego é significativo: Arato pode estar dizendo aqui que as aves expressam algum tipo de som articulado.

247 “Asas cobertas de penas”: o adjetivo grego *pyknós* também pode expressar o bater de asas veloz e contínuo.

248 O poeta introduz, com uma variação na forma de negativas, novos sinais de chuva, sobretudo domésticos. A enumeração se estende até o v. 987.

249 Em ordem, ou seja, em movimento regular.

bolhas<sup>250</sup>, ou na própria lâmpada cintilarem 980  
raios; nem se, no verão, com céu muito claro<sup>251</sup>,  
aves insulares se moverem em rápida sucessão.  
E não te esqueças da panela ou tripode que vai sobre o fogo,  
quando muitas centelhas houver ao redor delas,  
nem quando, na cinza do carvão em brasas, 985  
brilharem em volta pontos à semelhança de grãos de milho,  
mas considera esses sinais, se estiveres à espera da chuva.  
Se perto do sopé de alta montanha  
nuvem fraca se estender, e os cimos  
aparecerem claros<sup>252</sup>, então sem dúvida estarás sob bom tempo. 990  
Bom tempo também terás quando na superfície do mar  
aparecer uma nuvem baixa e ela não alcançar as alturas,  
mas ficar compactada ali mesmo como se fosse um escolho.  
Antes cogita as tempestades, se tiveres bom tempo,  
e os dias calmos se tiveres tempestade. Deves observar 995  
muito atento a Manjedoura<sup>253</sup>, que Caranguejo circunvolve,  
logo que se clareia da névoa toda embaixo:  
ela está clara quando fenece a tempestade.  
E que as serenas chamas das lâmpadas e a noturna coruja  
cantando serenamente<sup>254</sup> te sejam sinais do extinguir da tempestade, 1000  
e também a gralha imitadora<sup>255</sup> no fim da tarde  
serenamente variando o seu grasnado,  
e, de um lado<sup>256</sup>, solitários corvos fazendo ermo clamor

250 Os escólios antigos a Arato explicam o símile: “quando no inverno bolores se juntarem ao redor da lâmpada acesa, as chamas se erguem com regularidade e conforme a sua natureza. Então, mudam de direção, e surgem bolhas ligeiras sobre elas, e delas se desprendem faíscas” (ὅταν οὖν περὶ ἀπτομένων λύχνω μύκητες συνιστῶνται χειμῶνος ὥρα, αἱ τε φλόγες τεταγμένως καὶ λεπταὶ πομφόλυγες περὶ αὐτὰς γίνονται καὶ σπινθήρες ἀπορρέωσι).

251 No céu de verão sem nuvens.

252 Aqui se dá a transição do argumento, que vai até o v. 1012. O poeta deixa de falar dos sinais da chuva para dizer, brevemente, os sinais de bom tempo. Assim como a menção aos cirros, nuvens em grandes altitudes (v. 939) iniciara a seção que indica os sinais de chuva, as nuvens baixas – como se estivessem perto do sopé das montanhas – assinalam a chegada de bom tempo. Vejam-se também os vv. 991-993.

253 Como a Manjedoura é uma região particularmente nebulosa da constelação de Câncer, o fato de estar plenamente visível, “clareando-se da névoa abaixo” (v. 997) é um sinal distintivo de bom tempo.

254 A repetição de “sereno/serenamente” (vv. 999, 1000 e 1002) é efetiva e contribui para o sentido: a calmaria do tempo vindouro se reflete em seus sinais; além disso, as repetições contribuem para um senso de monotonia que corresponde ao clima que o poeta quer descrever.

255 No original, *polýphōna*, “de muitas vozes”. Possivelmente uma referência à capacidade desta ave de imitar a voz humana.

256 A descrição deste sinal de bom tempo é dupla: de um lado, os corvos solitários (1003-1004); de outro, em bando (1005-1006).

duas vezes, mas em seguida um ininterrupto intenso estrídulo,  
e, de outro, quando muitos, em bando, pensam no repouso<sup>257</sup>, 1005  
cheios de voz: poder-se-ia julgar que estão contentes,  
de tal modo fazem brados iguais a lípidos sons,  
muitas vezes em volta da folhagem das árvores, outras sobre ela,  
onde dormem e abanam as asas ao retornarem.

E talvez os grou, antes da suave calma, 1010  
sem se desviar possam percorrer um só caminho todos juntos,  
e se mover no bom tempo sem voltar para trás<sup>258</sup>.  
Quando o brilho puro das estrelas esmaecer<sup>259</sup>,  
sem que nuvens serradas se interponham,  
sem que outra treva<sup>260</sup> transpasse, nem a Lua, 1015  
mas elas assim de súbito débeis se moverem,  
que este sinal já não te aponte calma,  
mas tempestade espera; e também quando restarem  
umas nuvens no mesmo lugar, e outras vierem sobre elas,  
umas ultrapassando-as, outras por detrás. 1020

E gansos apressurando-se ruidosamente por seu repasto  
são grande sinal de tempestade, assim como o corvo nove-vezes-velho<sup>261</sup>  
cantando à noite, e as gralhas gritando tarde,  
e o tentilhão na aurora a chilrear, e todos os pássaros  
fugindo do pélagos, e carriça ou pintaroxo 1025  
mergulhando para côncava gruta, e bandos de gralhas  
vindo da campina fértil rumo ao ninho tardio<sup>262</sup>.  
E as zumbidoras abelhas, quando grande tempestade avança,  
já não farão a coleta da cera longe <da colmeia>,  
mas ali mesmo se ocuparão do mel e dos seus trabalhos; 1030  
e no alto as grandes filas de grou não se estendem  
por caminhos retos, mas em círculos vão retornando.  
E, quando na calma teias de aranha se mexerem sutilmente  
e as chamas do lampião tremem levemente,

257 Neste passo (vv. 1005-1006) Arato parece dotar as aves de características humanas, para fins de expressividade.

258 O escoliasta da passagem informa que os grou lançam-se em voos prolongados em dias calmos, mas, quando se deparam com sinais de mau tempo, desviam-se de suas rotas, invertendo o voo.

259 Arato passa aos sinais de tempestade: primeiramente os sinais celestes (estrelas e nuvens), em seguida sinais dados pelo comportamento dos pássaros e dos insetos.

260 Uso notável da palavra *zôphos*, que em Homero designa frequentemente as trevas do Hades.

261 É antiga a tradição de que o corvo vive muitas gerações humanas; cf. Kidd (532) para as referências.

262 Isto é, ao abrigo que protegerá durante a noite.

ou fogo e lampiões com esforço se acendem, mesmo em bom tempo, 1035  
 não confies <no tempo>, que será tempestuoso. Por que digo os quantos  
 sinais estão à disposição dos homens? Ora, mesmo pelo humilde borralho  
 que endurece onde está poderias prever uma nevasca,  
 e neve pelo lampião, quando por completo sinais semelhantes  
 a grãos de milho em círculo se formarem perto da pirilampejante mecha, 1040  
 e granizo pelo carvão vivo, quando brilhante  
 se vê o próprio carvão e no centro dele  
 uma como que leve nuvem aparece dentro do fogo candente.  
 Por sua vez<sup>263</sup>, azinheiras<sup>264</sup> repletas de frutos e enegrecidos  
 lentiscos<sup>265</sup> não são sem prova, e para todos os lados o afanado agricultor 1045  
 sempre olha, para que o verão não lhe escorra das mão.  
 Azinheiras, quando moderadamente carregadas de bolota,  
 dirão um inverno que será mais forte:  
 oxalá não estejam sobrecarregadas demais,  
 e longe de seca os campos se cubram espigas<sup>266</sup>. 1050  
 E três vezes floresce o lentisco, tripla quantia  
 de fruto há, e cada uma traz sinais  
 sucessivos para o plantio. É fato que à temporada de plantar  
 dividem em três, a intermédia e as duas extremas:  
 o primeiro fruto anuncia o primeiro plantio, 1055  
 o intermédio ao intermédio, e o último deles ao derradeiro.  
 Qual for a mais bela colheita do lentisco,  
 com ela o plantio será multifrutífero,  
 mas pouco com a mais escassa, e médio com o intermédio.  
 Igualmente, o talo da cila<sup>267</sup> sobrefloresce três vezes 1060  
 para que se notem os sinais da colheita correspondente:  
 quantos o agricultor notar no fruto do lentisco,  
 tantos observará também na branca flor da cila.  
 Todavia<sup>268</sup>, quando no outono todas as partes estão  
 completamente tomadas por muitas vespas, mesmo antes de as vespertinas 1065  
 Pléiades se irem poder-se-ia anunciar o inverno,

263 Inicia-se uma seção acerca dos sinais das estações fornecidos pela vegetação.

264 Provavelmente o *Quercus Ilex*, mas bem pode ser alguma outra espécie dentro do vasto gênero *Quercus*; cf. Kidd, 540.

265 *Pistacia Lentiscus*.

266 Isto é, a produção moderada de bolotas indica um inverno mais rigoroso do que o normal, ao passo que a produção excessiva é sinal de seca.

267 Trata-se, provavelmente, da *Scilla Siberica*.

268 Inicia-se uma seção acerca, primeiro, dos sinais da chegada do inverno dados pelos animais e, depois, sinais de seca a partir da observação de cometas.

tal é o redemoinho que súbito rodopia nas vespas<sup>269</sup>.  
 E porcos fêmeas, e ovelhas, e cabras,  
 quando voltam do acasalamento e, depois de tudo dos machos  
 terem recebido, acasalam de novo repetidamente, 1070  
 como as vespas elas anunciarão um longo inverno.  
 Quando tarde copulam as cabras, as ovelhas e as porcas,  
 alegra-se o homem humilde, pois para ele que não se aquece direito  
 as acasaladoras mostram ano de bom tempo.  
 Também se alegra o agricultor pontual com os bandos de grou 1075  
 chegando pontualmente, e o impontual por sua vez quando se atrasam.  
 Igualmente, pois, os invernos chegam com os bandos <de grou>:  
 cedo, caso cheguem em grandes grupos e  
 cedo; mas quando, aparecendo tarde e não em bandos,  
 vêm em mais tempo e não são muitos juntos, 1080  
 com o atraso do inverno se beneficiam os trabalhos serônios.  
 Se bois e ovelhas, depois de outono rico,  
 cavarem terra e estenderem suas cabeças  
 contra o vento de Bóreas, então um mui invernal  
 inverno as próprias Pléiades, ao se porem, trarão. 1085  
 Oxalá não cavem demais, pois longo e imoderado  
 inverno não é amigo nem de plantas nem colheitas;  
 mas que neve intensa caia nas largas campinas  
 sobre a vegetação ainda não discernida e crescida,  
 para que a prosperidade regozije a um homem prudente. 1090  
 E que as estrelas lá em cima estejam sempre visíveis,  
 e não haja nem um, nem dois, nem muitos cometas:  
 pois há muitos cometas em ano árido.  
 Mas<sup>270</sup> ao homem do continente não regozijam bandos de pássaros,  
 quando vindos das ilhas numerosos invadem as campinas, 1095  
 quando chega o verão: ele teme terrivelmente  
 por sua colheita, que ela lhe seja de espigas vazias e palha,  
 pela seca fustigadas. Mas ao homem pastor regozijam  
 os mesmos pássaros, quando vêm em número moderado,  
 pois ele espera em seguida ano de leite abundante. 1100  
 Assim vivemos nós, homens sofridos e perdidos,  
 cada um a seu modo: mas estamos todos prontos para os sinais  
 aos nossos pés reconhecer e usá-los na ocasião<sup>271</sup>.

269 Nem a imagem, nem seu sentido são completamente claros. Como se trata da aproximação do inverno, é mais provável que o redemoinho se refira à confusão das vespas apressadas para se protegerem, e não a uma ventania que surge com elas; cf. Kidd (550) para a discussão.

270 Arato elenca agora sinais para a previsão do verão.

271 Mais uma referência à condição incerta dos humanos, que, apesar disso, dispõem de sinais evidentes e próximos providenciados por Zeus para tornar a existência menos tormentosa;



Pelos ovinos os pegureiros predizem tempestades<sup>272</sup>,  
 quando urgem para pasto com mais afa 1105  
 e quando alguns carneiros e outros cordeiros do rebanho  
 brincam no caminho, pressionando-se uns aos outros com seu cornos;  
 ou quando com suas patas coiceiam, uns cá e outros lá,  
 com as quatro os ágeis, com duas os corníferos<sup>273</sup>;  
 ou também quando <os pastores> recolhem um rebanho avesso, 1110  
 mesmo levando-o ao entardecer, e <os animais> por toda parte  
 mordem a grama, ainda que instados por intensas pedradas.  
 Dos bois, homens plantadores e boiadeiros aprendem  
 que uma tempestade se aproxima: pois, quando os bois os cascos  
 da pata dianteira com a língua lambem, 1115  
 ou se estendem sobre as destras costelas em seu cochilo,  
 atraso no plantio o velho plantador espera.  
 E quando se reúnem, com muitos mugidos,  
 as vacas que para casa voltam na hora de dar descanso ao gado,  
 nervosos bezerros pressentem que muito logo 1120  
 não se repastarão incólumes à tempestade no prado encharcado.  
 E quando cabras se afobam em torno dos espinhos da azinheira,  
 não há bonança, nem quando porcos se enlouquecem na lama<sup>274</sup>.  
 E quando um lobo, solitário lobo, uiva alto,  
 ou quando, pouco importando-se com os homens plantadores, 1125  
 desce para as fazendas, aparentando necessitar de abrigo  
 perto dos homens, para que ali faça emboscada,  
 espera tempestade ao completarem-se três auroras.  
 Assim, pelos prévios sinais poderias prever  
 vindouros ventos ou tempestade ou chuva 1130  
 na mesma aurora, na seguinte ou ainda na terceira.  
 Mas tampouco os ratos, se, guinchando mais do que o comum  
 na bonança, saltitam tal como dançarinos,  
 passaram inobservados aos homens mais antigos,  
 e nem os cães: pois o cão cava com ambas 1135  
 as patas, quando espera a vinda de um tempestade,  
 e aqueles ratos adivinham tempestade nesse momento.  
 [Ora, também o caranguejo sai da água para a terra seca,  
 quando uma tempestade está prestes a precipitar-se no seu caminho.

---

cf. vv. 768-772.

272 Deste ponto até o início da conclusão do poema, isto é, entre os vv. 1104 e 1041, os sinais de mau tempo são apontados por animais próximos ao agricultor.

273 Os ágeis são os mais novos e leves, capazes de saltar e retirar as quatro patas do chão, ao passo que os corníferos são os mais velhos, mais pesados, que tiram apenas duas patas do chão por vez.

274 Há aqui uma citação de Demócrito, fr. B 147 DK.

E os diurnos ratos, com as patas revolvendo a palha, 1140  
 anseiam por um ninho, quando mostra sinais de chuva.]<sup>275</sup>  
 E não desprezes nenhum deles. É bom observar sinal  
 após sinal, e quando dois <sinais> coincidem mais  
 esperança há, e com um terceiro poderias estar confiante!  
 Sempre numera os sinais durante o ano que passa, 1145  
 vendo se, com uma estrela que desponta ou  
 se põe, também surge uma aurora tal  
 qual o sinal prediz. Mais confiável seria  
 observar, tanto do mês que termina quanto do que começa,  
 os quartos dias<sup>276</sup>: pois eles contêm os limites 1150  
 dos meses que convergem, quando mais incerto o éter  
 está, nas oito noites, devido à ausência da refulgente Lua<sup>277</sup>.  
 Se observaste todos <os sinais> juntos durante o ano<sup>278</sup>,  
 jamais fará previsões contingentes a partir do éter.

275 Os versos entre colchetes são considerados uma interpolação pelo fato de não serem comentados nos escólios e não serem traduzidos nem por Avieno (autor latino do século IV d.C.), nem pelo *Arato Latino* (uma tradução para o latim do século VIII, provavelmente). No v. 1138, “caranguejo” não é a constelação, mas o animal, e por isso vai escrito com inicial minúscula; note-se ainda que o caranguejo jamais é mencionado como sinal meteorológico na literatura antiga. O sujeito de “mostra”, no v. 1141, não é claro. Sobre esses assuntos, veja-se, como de costume, Kidd, 569-573.

276 Isto é, os últimos quatro dias do mês que termina e os quatro primeiros do que se inicia.

277 Durante a Lua nova, quando o céu está mais escuro.

278 A construção *eskemménos eis eniautón* (“tendo observado durante o ano”) é uma remissão direta ao v. 11, no qual *esképsato d’eis eniautón* ocupa a mesma posição final. No início do poema, a construção tinha por sujeito Zeus e expressava organização dos sinais operada pela providência divina; agora, refere-se obviamente ao leitor/auditor, que pôde colher os sinais ao longo do ano. Note-se que o poema é, em certo sentido, uma imagem do ano: após a sua leitura, nós humanos podemos identificar os sinais propiciados por Zeus para dirimir nossa perplexidade diante do mundo.